

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

VICTÓRIA ARTIGAS PAUSE

A cidade das Damas:
**o gênero como análise das representações femininas (des)construídas por Christine de
Pizan (1405)**

CHAPECÓ

2022

VICTÓRIA ARTIGAS PAUSE

***A cidade das Damas:*
o gênero como análise das representações femininas (des)construídas por Christine de
Pizan (1405)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Licenciatura em História

Orientador: Prof. Dr. Renato Viana Boy

CHAPECÓ

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Pause, Victória Artigas

A cidade das Damas: o gênero como análise das representações femininas (des)construídas por Christine de Pizan (1405) / Victória Artigas Pause. -- 2022. 55 f.

Orientador: Doutor Renato Viana Boy

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2022.

1. História. 2. Idade Média. 3. Gênero. I. Boy, Renato Viana, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Mal consigo acreditar que essa etapa chegou, escrever os agradecimentos porque sempre pareceu uma tarefa tão longínqua, mas cá estamos. Começo por agradecer a minha família, especialmente minha mãe, pai e irmã, sem vocês e seu apoio, o sonho de estudar fora e me aventurar no mundo com certeza seria uma tarefa quase impossível. Amo vocês.

Agradeço a aqueles que costumamos chamar de família que o coração escolheu, Marina e Matheus, vocês são muito especiais, sem vocês e nossas infinitas conversas, risadas, choros, brigas e críticas ácidas, minha graduação não teria sido tão fácil. Porque eu sabia que tinha uma base forte que construímos para nos apoiar, defender e cuidar uns dos outros.

Ao meu namorado, Elyseu, devo o companheirismo, carinho e por vezes dose de realismo necessários. Além de ser capaz de acreditar em mim, e fazer com que eu fizesse também, nas várias vezes que pensei que não ia conseguir. As amigas que fiz recentemente que proporcionalmente tão rápido vieram, trouxeram solidez aos meus anseios na carreira que escolhemos, Adri, Aline, Brendha e Dâmaris, ainda temos um futuro brilhante pela frente com nossos projetos. E também agradecer aqueles que dividiram esses últimos cinco anos, me ajudando de alguma forma, principalmente o Wesley que aprendeu tanto sobre Inquisição, rindo das turbulências acadêmicas ou reclamando delas, porque se houve algo que não faltou foram elas, as dificuldades.

A aquele que aceitou ser meu orientador, Renato, você sabe que sua dedicação como professor é conhecida por todos, mas poder ter tido a experiência de ver de perto seu comprometimento foi enriquecedor. Por ajudar e guiar meu trabalho da melhor forma, meus sinceros agradecimentos. Também queria registrar meu obrigada aos professores, Renilda, Délcio e Bruno, vocês fazem a diferença na nossa jornada.

E por fim agradecer as mulheres que vieram antes de mim, Chrstine de Pizan, a minha mãe, ao movimento feminista e a todas teóricas que neste trabalho usei. Agradecer aquelas que simplesmente reivindicam seus espaços mesmo sem saber que estavam sendo transgressoras. Porque a sociedade em que vivemos não quer que questionemos, esse lugar não deveria nos pertencer, deveríamos apenas seguir o fluxo natural da vida: ser filhas, esposas e mães. Contudo, transgressão é substantivo feminino. e não é por nada que buscamos uma sociedade mais justa para nós e isso só é possível quebrando as regras do jogo da dominação historicamente masculina.

A nós, ao nosso direito de expressão intelectual sem as amarras das desigualdades de gênero.

“Pela maior parte da História, "anônimo" foi uma mulher”.

(Virginia Woolf)

RESUMO

A pesquisa parte das possibilidades alinhada aos Estudos de Gênero para uma análise de uma obra literária medieval feminina. Demonstrando-se como uma obra literária pode fornecer aos estudos históricos ricas formas de compreensão do passado. Foi utilizado como aporte teórico metodológico para a tarefa, o gênero para compreender como se deu o processo de desconstrução das representações negativas associadas às mulheres, na obra *A Cidade das Damas*, de Christine de Pizan (Século XV). A escritora foi uma mulher que viveu da produção de seus textos, pois sua vida foi marcada pelo acesso à educação, fato esse que instiga o debate sobre o lugar das mulheres na sociedade francesa do século XV. Desta forma, a obra é marcada pelos limites fronteiriços entre as narrativas femininas e masculinas de construções de identidade de gênero. Para entender essas fronteiras, buscou-se fazer uma análise que demonstrasse como o campo do gênero é performático, e por isso a escritora conseguiu traçar suas críticas, pela defesa das mulheres, mesmo inserida em um contexto histórico marcado pela rigidez.

Palavras- chave: Gênero; Representações; A Cidade das Damas; Christine de Pizan;

ABSTRACT

The research starts from the possibilities aligned to Gender Studies for an analysis of a female medieval literary work. To demonstrate how a literature work can provide historical studies with rich ways of understanding the past. Gender was used as a theoretical and methodological contribution to the assignment by understanding how the process of deconstruction of negative representations associated with women took place, in *The Book of the City of Ladies*, by Christine de Pizan (1405). The writer was a woman who lived from the production of her texts, as her life was marked by access to education, a fact which instigates the debate about the place of women in French society in the 15th century. Thus, the work was marked by the boundaries between female and male narratives of gender identity constructions. To comprehend these limits, this analysis aims to demonstrate how the field of gender is performative, and that is why the writer was able to trace her criticisms in defense of women, even when inserted in a historical context marked by rigidity.

Keywords: Gender; Representations; The Book of the City of Ladies; Christine de Pizan.

VICTÓRIA ARTIGAS PAUSE

***A cidade das Damas:*
o gênero como análise das representações femininas (des)construídas por Christine de
Pizan (1405)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 30/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Renato Viana Boy – UFFS
Orientador

Prof.^a Dra. Renilda Vicenzi – UFFS
Avaliadora

Prof. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne – UFPB
Avaliadora

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. POR DENTRO DO GABINETE DE PIZAN: VIDA, OBRA E PERCURSOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS DA PESQUISA.	17
2.1 A cidade das Damas: o enredo crítico de Pizan	18
2.2 Ascensão historiográfica: Mulheres como sujeitos históricos e os estudos de Gênero	21
2.3 Lentes para a leitura do enredo crítico da obra: Representação e Gênero como ferramentas teóricas e analíticas	25
2.4 Caminhos metodológicos para pensar uma fonte literária: uma apreensão do mundo por Pizan	28
3. E QUEM DISSE QUE AS MULHERES NÃO VÃO À OBRA? A NARRATIVA DE A CIDADE DAS DAMAS COMO FRONTEIRA ENTRE A PERFORMATIVIDADE E A IDENTIDADE DE GÊNERO	33
3.1 A “incapacidade intelectual”	37
3.2 A “má índole”	39
3.3 As fronteiras da desconstrução de representações: a performatividade como possibilidade de criação de identidade de gênero	41
4. CONCLUSÃO	49

1. INTRODUÇÃO

À luz de sua mesa de estudos, enquanto lia artigos sobre mulheres intelectuais, a pesquisadora que aqui escreve começou a ideia desta pesquisa. A partir do momento que descobriu que uma mulher, diretamente de seu próprio gabinete de estudos, contestava o universo masculino letrado, ainda na idade média ocidental. Essa mulher foi Christine de Pizan¹, com sua obra *A Cidade das Damas* (1405). Assim me ocorreu o primeiro questionamento: quantas mulheres repetiram essa mesma cena? Quais destes pensamentos chegaram até nós? Muito provavelmente, pensei comigo mesma, não do mesmo jeito que temos sobre os pensamentos de grandes homens do período, com seus manuscritos sejam eles diários, tratados teológicos, crônicas, poesias ou literatura os quais nosso mundo masculino achou pertinente guardar e preservar. E mais que isso, o intuito de preservar essas memórias, pelos atos de reproduzir, copiar ou traduzir, era para que tais produções fossem disseminadas e ganhassem reconhecimento. Então, quais os motivos para não conhecermos mulheres intelectuais medievais, da mesma proporção que conhecemos tantos homens pensadores desta época? Constatei que o feminino foi mantido à margem da sociedade e não diferentemente na historiografia, deixado à sombra de seus pais, irmãos e maridos. Essas considerações me levaram a onde estamos agora: nesta pesquisa. Dessa forma, escolher estudar uma escritora medieval que também passou pelas mesmas sensações foi uma escolha inevitável, assim que coloquei meus olhos nela sabia que era necessário analisar sua obra pelas lentes do gênero.

Fazer uma História das Mulheres e trabalhar com a categoria analítica do Gênero, é constantemente tentar pensar fora da ideologia patriarcal, a qual destina às mulheres historicamente aos papéis de mães, filhas, esposas. Uma perspectiva teórica tão sensível e cara a um grupo muito grande hoje, inclusive para a pesquisadora, uma feminista, demarca uma situação angustiante e ao mesmo tempo encantadora, que é a vontade de cumprir essa missão. Não obstante, as narrativas dos mais diversos interesses por trás querem apagar que o mundo se faz também de homens e mulheres comuns, sujeitos ativos e ativas de suas próprias histórias, enquanto novas formas de revisitar o passado surgem e tentam trazer à tona essas dissonâncias na História. Assim, ao me deparar com a ideia deste estudo, sabia que teria que percorrer um caminho difícil, como afirma Michelle Perrot, em *Minha História das Mulheres* (2007), os problemas da pesquisa na História das Mulheres perpassam desafios. A

¹ Preferiu-se por não adaptar a grafia do nome da autora para o português, assim como optou a tradutora da obra.

historiadora (2007, p. 17-18) indica que a presença feminina na história sempre foi destruída por inúmeros fatores. Como por exemplo a língua, que na gramática prefere usar o masculino em detrimento do feminino, mulheres que quando casavam perdiam seus sobrenomes e ficava difícil de fazer linhagens de mulheres, ou ainda os próprios registros femininos. E aqui cabe ressaltar como o mundo masculino enxergava as produções femininas. De modo que essas não possuíam relevância perante os textos produzidos por homens, tal qual dificulta o acesso a elas. Se recuarmos no tempo, até a fonte produzida por Pizan, e olharmos ao redor o número de publicações femininas é irrisória comparada às produções masculinas. Assim, parecendo, como corrobora Perrot (2007, p. 15), que na história as mulheres foram espectadoras do próprio passado, resultado este da dimensão sexuada da objetividade histórica, caráter longe de ser universal porque está perto demais de apenas um sujeito, o homem branco com poder.

Dessa forma, seguindo essa lógica tais espectadoras não produziram conhecimento e nem deixaram registros, assim foi pensado, e talvez por isso o silêncio das salas vazias da “produção feminina” no corredor da História, sendo um reflexo da falta de interesse de investigar uma história das mulheres. Maria da Glória de Oliveira (2018) argumenta que intelectuais femininas e suas produções não são tema privilegiado da história intelectual, o que indica que temos um longo caminho pela frente se quisermos alargar o estreito feixe de luz dos estudos sobre as mulheres e suas produções. A autora ainda indica que a busca pela compreensão das diversas produções femininas nos permite efetivar o gênero como forma de análise e crítica da epistemologia da História. Cabe ressaltar ainda que este trabalho apesar de não focar no feminismo e seus desdobramentos, este deve ser considerado, pois os estudos de gênero são resultado da presença feminista na academia e das próprias ondas do feminismo². Assim, mesmo nosso trabalho usando gênero como ferramenta teórica e analítica não há como deixar de mencionar, mesmo que apenas a título de introdução, produções feministas que primeiro se adentraram no universo da nossa temática.

O feminismo, segundo bell hooks³ (2019), em seu livro *Teoria feminista*, busca acabar com o sistema patriarcal e sexista, e acredito que ele permitiu que os feixes de luz entrassem pela fresta da História, a qual por um longo tempo se manteve fechada, iluminando aos poucos os estudos do lugar da mulher no passado. A escritora feminista hooks chama atenção

² As ondas do feminismo podem ser consideradas como fases do movimento, geralmente dividido em três momentos da luta feminista. Ver em: ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. **Mulheres na Ciência**: v.7, n. 2, 2021, p 10-31

³ A opção por letra minúscula no sobrenome é da própria autora (pseudônimo de Gloria Jean Watkins).

para a questão identitária do movimento que veio a se tornar emblemática. Para hooks, a questão autocentrada na “mulher” acabou por isolar ainda mais o movimento feminista. A “identidade feminista” é um problema no que tange a percepção que as mulheres precisavam criar espaços de socialização e conexão, como forma de se encontrar razões para seguir na luta, o que seria ir contra o modelo de busca por mudanças na sociedade, já que ficar entre iguais não seria desconfortável. Assim, hooks indica que essa identidade feminista limitou o acesso das múltiplas experiências das mulheres, parecendo com que o feminismo fosse mais um estilo de vida do que uma luta pelo fim da opressão sexual (hooks, 2019, p. 59-62). No que diz respeito a essas pautas identitárias hooks⁴, está fazendo principalmente um recorte racial nesta questão, mas não deixa de marcar uma crítica que anos mais tarde Judith Butler em sua obra *Problemas de Gênero: Feminismo E Subversão Da Identidade* também teceria, com outro marcadores teórico, o do gênero para problematizar a identidade “mulher”.

Considerado isso, pode-se perceber como o estudo das identidades foi e é um fator importante no que tange aos estudos sobre mulheres, e por isso essa breve explanação de problematizações acerca da identidade feminina. Contudo, Judith Butler como uma estudiosa do gênero, concepção teórica que vai além de entender apenas estudar as mulheres, alcançando problematizações acerca dos sujeitos dentro que a própria matriz binária sexual, quer compreender as diferenças criadas socialmente e culturalmente entre os sexos. Porque essa categoria de análise é fundamental para entender as nuances do trabalho de Pizan. Neste sentido, quando Butler (2003) começa sua discussão sobre os problemas de gênero, ela também começa, assim como hooks, abordando o problema identitário da "mulher" do feminismo. Desse modo, o que queremos indicar com a pauta identitária neste trabalho vai ao encontro das perspectivas recentes de pesquisa no medievo. Desse modo, essas identidades também precisam adentrar nos estudos medievais, o que neste trabalho também abordaremos no nosso último capítulo como forma de entender o campo da performance como possibilidade de se estudar a pauta identitária de gênero na obra de Pizam. Conforme explica Carolina Fortes, o conceito de identidade no medievo ajuda nas análises acerca de sujeitos em seus tempos. Considerando isso, a importância de debater gênero e identidades de gênero são convergentes no sentido de trabalharmos uma produção feminina que contém a concepção da autora sobre sujeitos de seu tempo, sejam eles masculinos ou femininos. Neste sentido, temos

⁴ Consideramos neste momento os ano da publicações originais para situarmos cronologicamente nossa discussão de identidades tanto para *Teoria feminista*, ano de 1984, bem como para a *Problemas de Gênero: Feminismo E Subversão Da Identidade*, no ano de 1990.

como escopo catalisador a problematização da produção feminina na História para ir além dos sujeitos universais trabalhados por tanto tempo dentro do nosso campo do conhecimento, situação que cada vez mais vem sendo problematizada.

A busca por alargar o feixe de luz sobre a história das mulheres e há algum tempo já se estabeleceu, de forma a quebrar os fundamentos epistêmicos da História (SCOTT, 1992), ainda pautados em marcadores hierárquicos de gênero para que a luz se intensifique. O que significa dizer que deve-se usar metodologias com aporte teórico de gênero para questões sobre o próprio fazer historiográfico que carrega uma objetividade androcêntrica, incapaz de enxergar as subjetividades que possam estar inseridas em contextos fora da lógica patriarcal (Oliveira, 2018). Isso torna a obra de Pizan uma fonte instigante para esse período junto às condições de sua produção e circulação, pois se pensarmos no processo de cópia que as obras do período passavam, podemos indagar: qual o impacto da sua publicação para ela ser considerada relevante para essa técnica ser aplicada? Entender os impactos de uma obra que possui a autora participando de sua própria narrativa é enxergar a forma como os registros intelectuais femininos possuem olhares distintos sobre a apreensão de um mundo social e cultural ao qual foge das observações masculinas. Ao mesmo tempo que é possível enxergar os limites fronteiriços na elaboração de narrativas acerca de identidades de gênero.

Assim, trabalhar com uma fonte tão recuada no tempo implica, obviamente, em um cuidado historiográfico maior ao analisá-la com temáticas tão atuais e sensíveis ao nosso presente, ao passo que parece pertinente aproximar ambas. A compreensão de que os estudos de gênero na História devem, segundo Maria da Glória de Oliveira (2018), auxiliar na compreensão da desnaturalização do que era considerado “irrelevante” segundo a operação historiográfica, essa categoria vem para quebrar paradigmas há muito fixados. Como a questão intelectual das mulheres, pois a historiografia por muito tempo apenas as associou aos seus lares e famílias. Quero pensar que o aumento de pesquisas sobre a temática da intelectualidade feminina traz ainda mais luz ao entendimento do que essas mulheres pensavam e produziram sobre sua contemporaneidade. E fico na expectativa de outras pesquisadoras possam se interessar em abrir outras portas para que a luz entre nos quartos e casas dessas mulheres que produziram registros como os de Pizan, mas diferentemente dela, suas produções foram guardadas no fundo das gavetas do “irrelevante” segundo o masculino. Sendo assim, compreender a dimensão da intelectualidade feminina na idade média perpassa por desconstruir a abordagem sexista do binarismo homem figura pública/mulher figura

privada, para que possamos tirar o pó desses registros guardados abaixo das pilhas de esquecimento do “irrelevante”. Deste modo, é possível verificar que as produções femininas não tiveram a mesma chance de divulgação para leituras contemporâneas, o que impactou nas pesquisas historiográficas. Neste sentido, a tentativa de compreensão acerca da produção de Christine Pizan, é uma forma de incluir no passado os caminhos trilhados por mulheres que também se sentiam diminuídas perante a produção de conhecimento masculina. Não concordava com as abordagens que esses homens faziam sempre se referindo às mulheres como seres de menor importância social, e menos ainda acreditava nos romances que “enalteciam a mulher”, porque os considerava ainda piores, pois atribuíam ao feminino o papel de sedutora e amante. Pizan preferiu abordar a questão da virtude feminina, comportamento das mulheres que deveria ser invejável por parte dos homens. Também é importante dizer que o alvo das críticas de Christine eram os homens que escolhiam maldizer das mulheres, e não uma crítica a totalidade da sociedade, apesar de podermos fazer uma análise sobre o contexto em que ela vivia e os debates em voga na época dela, por meio de sua obra. *A cidade das Damas* é uma manifestação de inquietação da autora acerca das representações negativas masculinas para com as mulheres, não sem ter subscrito por baixo de suas críticas um modelo de sociedade que o feminino deveria se encaixar. A escrita de Pizan contém muito do que se esperava de uma mulher no período, o que de modo algum é um problema na pesquisa e sim uma face do trabalho que precisará compreender os posicionamentos da escritora.

Sendo assim, contribuir com produções historiográficas sobre mulheres escritoras sobretudo no medievo se faz importante ainda hoje, como afirma Deplagne⁵ (2020, p. 569), porque “é nos anos 70 do século XX, quando eclodiu o movimento feminista e pela revisão da História nos anos 80 que podemos falar em uma redescoberta das obras de Christine de Pizan e valorização de seu legado”. A tardia preocupação de estudos sobre produções de mulheres intelectuais demarca um lugar ainda à margem na historiografia. Considerado isso, pode-se verificar essa problemática elucidada na publicação recente, do ano de 2020, do dicionário *Cem fragmentos biográficos: A idade média em trajetórias*, organizado por Guilherme Queiroz de Souza e Renata Christina de Sousa Nascimento, em que a obra conta

⁵ Haverá uma distinção de sobrenomes na citação dos estudos de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, como o caso desta nota de rodapé, pois é a forma como a pesquisadora usa atualmente em suas produções, já quando mencionamos sua tradução da obra de Pizan, não utilizamos seu último sobrenome por não constar na edição que possuímos.

com um total de 100 pequenas biografias, e dessas, apenas oito são sobre mulheres, incluindo uma da nossa autora da fonte. Ressalta-se assim, a importância de trabalhar com a temática na atualidade, para combater a marginalização das mulheres na historiografia. Dentro desse recorte temporal, que vem ao longo das décadas crescendo e se diversificando nas temáticas (BASTOS, 2016), a pesquisa se insere nas recentes abordagens acerca da mulher medieval. Em que a busca por trabalhar as hierarquias das relações de poder, pode perpassar usar a categoria do gênero como forma de entender a dinâmica do que é ser mulher e homem na Idade Média, problemática que estará presente na pesquisa, pois a escolha pela obra de Pizan contém a visão da escritora acerca dessa realidade. Nesse sentido, esta monografia manifesta o desejo de estudar as vozes, os olhares, as percepções na escrita feminina como objeto de reflexão historiográfica, no intuito de trazer luz a essa temática.

A obra *A cidade das Damas* é uma narrativa literária, que gira em torno da construção de uma cidade para damas, com a ajuda alegórica de três Damas Virtuosas: Razão, Retidão e Justiça. O livro parte da inquietação da autora sobre como os homens enxergavam e representavam em suas obras as mulheres. O acesso à fonte foi pelo contato com a tese de Doutorado em Literatura Francesa, da Dra. Luciana Eleonora Freitas Calado, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A tradução de Calado consta no site do Repositório da UFPE. Sua tese, defendida em 2006, consiste no debate e tradução de *A Cidade das Damas*, baseado no *Manuscrito do Duque*. A obra original de Christine de Pizan, em francês, foi publicada no ano de 1405, e é dividida em três capítulos (LEITE, 2015). A tradução conta com duzentas e quarenta páginas, divididas pelos capítulos que a narradora-personagem Christine de Pizan conversa com as três Damas virtuosas. A escritora cria uma narrativa na qual recebe a visita das Damas: Razão, Retidão e Justiça, para juntas construírem uma cidade, que se configuraria como refúgio para outras damas que foram afligidas de alguma forma por homens. A narrativa se desdobra em um diálogo genealógico sobre a situação das mulheres ao longo do tempo, em que a narradora-personagem discute com as Damas elencando a cada exemplo de homens que escreveram sobre o que as mulheres seriam ou não, mulheres que vão de encontro com estes estigmas. Essas discussões também se desdobram nas etapas de construção da cidade utópica. Assim, o primeiro capítulo é a parte do alicerce da cidade, em seguida o segundo capítulo, se desdobra na construção dos muros e todos os outros espaços da cidade, como castelos, e o último se refere a povoação da cidade com as damas escolhidas para povoar essa nobre cidade.

Assim, a problemática da pesquisa foi pensar como a autora Christine de Pizan, no século XV, questiona a suposta falta de virtude das mulheres por meio da indagação sobre os papéis e representações sociais femininas de seu tempo. Porque se Woolf (2019) nos adverte que ainda na metade do século XX, a literatura era uma das profissões que menos experiência cedia às mulheres, que possibilidades poderão haver se nos indagarmos sobre uma escritora medieval contestadora de sua época. Como objetivo geral, pretendeu-se verificar o processo de desconstrução das representações negativas sobre as mulheres e, ao mesmo tempo, a reconstrução deste imaginário, por parte da escritora. Desconstrução essa discutida a partir da categoria de análise do gênero. E a hipótese central desta pesquisa era analisar esse processo de desconstrução na tentativa de compreender as estratégias de deslocamento das representações acerca do universo feminino na obra. Deste modo, a busca foi entender como a escritora transitou entre as narrativas fronteiriças masculinas e femininas. Considerando o campo da performatividade e das representações como constituição identitária de gênero com sua proposta de mulheres virtuosas.

A pesquisa foi baseada na análise documental. Para efeito de organização metodológica, a fonte sendo um objeto literário será analisada levando em consideração alguns pontos. Como indica Frazão (p. 6, 2002): “gênero literário [...] o enredo e personagens, se há narrador, indicação ou não do tempo e espaço em que se passa a história”, pontos que ajudam a explicar o contexto de criação da obra. Esses elementos foram buscados e respondidos ao longo da pesquisa, não exatamente na ordem apresentada, para a compreensão do processo de produção cultural literária de Christine de Pizan.

Sendo assim, no primeiro capítulo serão apresentados os aspectos gerais da temática da pesquisa. Divididos sobre a vida e obra de Christine de Pizan, perpassando sua trajetória como escritora. O enredo do livro foi trabalhado de forma a explicar como se desenvolve a narrativa de Pizan e sua cidade refúgio. Com isso, uma revisão de literatura foi realizada para indicar como a temática da pesquisa vem sendo trabalhada ao longo dos anos e para situar nossa pesquisa dentro da historiografia. No outro tópico, apresentamos nossas ferramentas teóricas e analíticas, sendo o conceito de representação de Chartier e o Gênero como categoria analítica. E por fim, trazemos os percursos metodológicos que abrangem tanto pensar a fonte literária na História. Como as definições técnicas acerca da obra de Pizan, contextualizando gênero literário, o impacto da escrita feminina nesse processo e explicação de como a análise da fonte será feita.

No segundo capítulo nossa análise problematizou como a escritora construiu sua figura de mulher virtuosa. Assim, traçamos o perfil de desconstrução de duas das representações tratadas pela escritora para demonstrarmos com a categoria que escolhemos de análise nos trouxeram apontamentos e explicações sobre a estrutura hierárquica de gênero na idade média. Pudemos constatar que a performatividade, a forma como o gênero atua, sempre esteve presente nas socializações dos papéis sociais associados aos sexos femininos e masculinos. Ademais, discutimos a relação da obra de Pizan e uma constituição identitária de gênero na narrativa literária da escritora.

Por fim, da mesma maneira que a inquietação de Pizan a levou escrever um livro para analisar a situação das mulheres e falar por si a respeito desse assunto, os questionamentos iniciais tratados nesta introdução foram os motivos para acontecer esta monografia. Para Pizan, os homens já falavam demais para e por nós mulheres. Esta pesquisa e a pesquisadora acreditam que Pizan estava correta.

2. POR DENTRO DO GABINETE DE PIZAN: VIDA, OBRA E PERCURSOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS DA PESQUISA.

Mas, bela filha, o que aconteceu com teu bom senso? Esqueceste que o ouro é refinado na fornalha; e ele não se altera, nem muda suas características; pelo contrário, quanto mais ele é trabalhado, mais fica purificado. Não sabes que são as melhores coisas que são discutidas e debatidas? (PIZAN, 2006, 122)

Antes de adentrar no enredo de *A Cidade das Damas*, destaquemos a vida de Christine de Pizan, tanto para entender o contexto de produção, quanto às influências que a levaram a escrever a obra. Uma das principais estudiosas brasileiras acerca da escritora medieval e de suas produções é a pesquisadora independente Lucimara Leite, e utilizaremos sua obra *Christine de Pizan: uma resistência*, para entender o universo ao qual pertencia Pizan. A autora trabalha tanto com uma análise da vida de Pizan, quanto de suas obras e por isso será muito utilizada para entendermos a vida e as obras da escritora. Neste sentido, na análise de Leite, foi graças à educação que Pizan acessou na época que propiciou sua carreira e sustento, circunstâncias essas geralmente não associadas às mulheres no período. Desde pequena, a escritora entrou em contato com erudição, com seu pai como funcionário real da corte francesa, ele foi o grande responsável pela introdução das Letras na vida de Pizan. Quando, anos mais tarde, perdeu seu marido, Pizan encarou a realidade de ser a pessoa da família que precisava garantir o sustento desta, assim ela mergulhou na escrita e publicou os mais diversos tipos de textos, como indica Leite (2015, p. 13):

Escritora prolífica, em pouco tempo produz uma obra com aproximadamente quinze livros: poemas, tratados de educação, morais e políticos, entre outros. Destaca-se a temática do feminino, a apresentação da ideia de que as diferenças entre homens e mulheres são de origem social.

Lucimara Leite ainda indica que o contexto de circulação e aceitação das publicações de Pizan foram bastante estimadas na época. A autora indica que poetas e escritores, tanto seus contemporâneos quanto posteriores, se referiam a escritora como de grande conhecimento, mesmo aqueles de posições contrárias a ela, como Gontier Col (LEITE, 2015, p.72). Christine de Pizan, como dito por Leite, era uma mulher que escrevia muito, talvez muito pelo fato da necessidade. Assim, achamos pertinente indicar a cronologia de algumas publicações mais famosas que abrangem o período de produção de Pizan, correspondente a 1399 a 1430, segundo Luciana Eleonora de Freitas Calado, estudiosa da escritora medieval e tradutora da nossa fonte (2006, p. 33-36): *Epistre au Dieu d'amour* (1399), *Les livres des Epistres sur Le Roman de la Rose* (1401-1402), *Le Livre Des Fais Et Bonnes Moeurs Du Sage*

Roy Charles V (1404). Em 1405, além de *La Cité des Dames*, também publicou *Le Livre Des Trois Vertus*. Outras obras também são *Livre de la Paix* (1411-1412) e *Le Ditié de Jeanne D'Arc* (1429), sendo esta sua última obra publicada. A autora ainda aponta para o caráter de defensora dos interesses das mulheres como afirma no seu estudo sobre a nossa fonte.

A luta contra a cultura misógina está presente desde *Epistre au Dieu d'Amour*, ao seu último livro, *Le Ditié de Jeanne d'Arc*, escrito em 1429, um ano antes de sua morte. Obra louvável pela coragem em homenagear uma mulher, que venceu os limites da sua condição feminina, lutando contra as injustiças do seu tempo e que, por sua ousadia, foi acusada de bruxaria e jogada viva à fogueira, dois anos depois de receber a homenagem de Christine de Pizan. Sua obra foi a primeira e única feita a Jeanne d'Arc enquanto viva. A voz de Pizan coloca-se à disposição de toda uma "classe" (CALADO, 2006, p.31).

Desta forma, podemos perceber que Christine de Pizan tinha preocupações sobre a vida das mulheres do seu tempo. De modo que escreveu para tentar ajudá-las ou engrandecê-las nos mais diversos textos que produziu.

Considerada a vida da escritora, se faz importante ressaltar que Pizan foi uma mulher com privilégios dentro do seu contexto histórico, uma mulher de um estamento social específico, com acessos a lugares que não eram de direito a todas as mulheres. O que torna a pesquisa concentrada na obra de Pizan e em como ela entendia sua realidade como mulher e, portanto, a visão de mundo da escritora, sua cultura (?) e suas condições socioeconômicas não serão tratadas como uma realidade de todas as mulheres deste período, mas sim como sujeito de seu tempo e com todas as contradições que enriquecem uma análise histórica. Destacado isso, apresentaremos o enredo da obra e como acontece a construção desse refúgio feminino idealizado por Pizan, adentrando nos limites conceituais, teóricos e metodológicos.

2.1 A cidade das Damas: o enredo crítico de Pizan

Inicia-se a narrativa com a narradora-personagem dentro de seu gabinete de estudos. Cansada de seus afazeres, resolve por ler algo diferente dos textos do seu trabalho, então encontra o livro *Les lamentations de Matheolus*⁶, no qual ao ler não consegue compreender como tal obra ganhou tanto reconhecimento, retratando a mulher como uma figura má por natureza. Assim, Christine divaga consigo mesma sobre como essa visão sobre as mulheres é um consenso nas obras masculinas, tanto de clérigos como grandes filósofos, os quais são tidos como sábios, condição essa que a personagem desafia.

⁶ Livro de Jean Le Fevre de Resson, em 1274, autor este chamado de mentiroso por Pizan, considerando o que ele escreveu como falácias sobre mulheres, da mesma maneira que outros escritores homens foram mencionados ao longo de seu texto.

Que pena! Meu Deus! Por que não me fizeste nascer homem para que minhas inclinações estivessem a teu serviço, para que em nada me enganasse, para que eu tivesse esta grande perfeição que os homens dizem ter? Mas, como tu não quiseste, como não estendeste tua bondade até mim, perdoe minha negligência ao te servir, Senhor Deus, e não te descontente, pois o servidor que menos recebe de seu senhor, menos é obrigado a servi-lo. (PIZAN, 2006, p. 120-121)⁷

Neste trecho percebe-se que Pizan não aceita a condição natural de mulheres serem naturalmente más, causa associada historicamente às mulheres pelo pecado original. Afirmação que Mary Del Priore (1990, p.36) explica em seu livro *Sul do Corpo*, em que afirma que as mulheres precisam seguir uma conduta moral fortemente imposta pela Igreja Católica justamente pela associação da figura feminina considerada o “diabo doméstico”. O que pode-se verificar é como a personagem não aceita essa condição imposta por homens usando-se da causa bíblica para invalidar mulheres. Assim, Christine ironicamente ressalta que nem os homens são perfeitos, e foram criados por Deus, então ela questiona, porque estes impõem tal argumento às mulheres? Ainda abalada por suas angústias surge uma intensa luz em seu gabinete.ão as Damas que irão ajudar Pizan em sua construção.

As três Damas são consideradas de grande esplendor. Assim que Pizan avista-as, e temendo ser um grande sonho, ela faz o sinal da cruz, mas no mesmo instante uma Dama profere que o medo não se apoderasse dela, pois ali estavam para ajudá-la. A primeira Dama a falar das três é a Razão, que orienta que a angustia de Pizan nada tinha a ver com seu próprio sexo como a narradora-personagem estava começando a cogitar, e sim as mentiras que falam a respeito das mulheres. O enredo continua com a Dama Razão explicando quem é, como a construção deveria acontecer e o que os seriam alicerces desta obra. Desta forma, ela é a responsável por mostrar o bom caminho a homens e mulheres, usando seu espelho para refletir a alma de quem ali se permita olhar. A Dama explica que está ali para ajudar a personagem, primeiramente Pizan deveria retomar sua consciência como mulher e um ser importante criado por Deus, e por fim aceitar uma missão, construir uma cidade que serviria de refúgio a mulheres perseguidas por homens, e finalmente se apresenta com seu nome: Razão.

A segunda Dama se apresenta como Retidão, a qual se identifica como a mensageira da Bondade. Preza pelo justo, com sua régua mostra o caminho pelo qual se distingue o bem e

⁷ A partir desta citação todas as outras menções a obra de Christine de Pizan se referem a numeração da versão traduzida de Luciana Eleonora de Freitas Calado. Ver em: CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A Cidade das Damas**: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan- Estudo e manuscrito. Recife, 2006.

o mal. Retidão ajudaria na etapa do levantamento dos prédios, pois com sua régua como bastão essa tarefa seria precisa. A terceira é a Justiça, Dama do julgamento do correto e do incorreto, fala a Pizan como na terra as medidas de justiça são distintas das do céu. Neste todos recebem o que merecem, já entre os homens não procede tal julgamento, pois nem sempre todos recebem o que merecem. Justiça afirma que a taça a qual tem como bastão é para essa tarefa, a de medir o que cada um merece, dessa forma, ninguém pode a questionar, pois ela é a predileta de Deus e o fim para qual as outras Damas agem, porque “O que a primeira propõe, a segunda organiza e aplica, e eu, a terceira, dou o acabamento e concluo.” (p. 129). Explicado quem eram as Damas e os seus respectivos propósitos, a partir desse momento as personagens Razão e Pizan começam a planejar o começo da obra. A Dama Razão convoca Pizan para começar a construção no

Campo das Letras; é nessa terra rica e fértil que será fundada a Cidade das Damas, lá onde se encontram tantos frutos e doces rios, lá onde a terra abunda em tantas coisas boas. Pega a enxada de tua inteligência e cava bem. Em todo lugar em que verás as marcas da minha régua, faça um buraco profundo. Quanto a mim, ajudar-te-ei carregando os sacos de terra sobre meus próprios ombros.(PIZAN, 2006, p. 131)

E Pizan, depois disso, apresenta-se novamente, agora com seu espírito renovado pelas virtudes das Damas e pronta para começar sua missão, a qual começa com sua enxada questionando a Dama de como pode haver tanta vontade por parte dos homens para maldizer as mulheres. O que a Razão explica acontecer por alguns motivos: por loucura de condenar todas as mulheres pelo mesmo motivo, por seus próprios vícios, em que associam suas vidas quando mais novos cheios de promiscuidades às mulheres, ou também apenas porque gostam de dizer que leram o bastante, mas apenas repetem o que já foi dito. Desse modo, acaba o Primeiro Livro, que nos deixa uma série de questionamentos acerca de alguns porquês Pizan escreveu seu livro, temos as apresentações das damas alegóricas, estas que foram criadas a partir de uma característica comum em obras medievais que foram recursos de expressão para autores dessa época (SPINA, 2007, p. 41). Também, nos indica como a narradora irá interagir com as Damas e quais os objetivos que serão alcançados nos próximos dois capítulos, pois serão espaços da construção argumentativa da autora como forma de erguer sua cidade.

Assim inicia-se o Segundo Livro, em que Pizan começa com tinta e papel sua construção, junto a Dama Retidão. Ao passo que a personagem começa sua genealogia sobre as mulheres importantes e virtuosas, essa que Pizan considerava contradizer os homens que maldiziam sobre o feminino. E ao longo do capítulo, Retidão comenta junto a personagem o

que essas mulheres fizeram e como elas contribuíram para algum momento da História, lugar onde viviam ou ainda que eram capazes de fazer coisas às quais os homens diziam ser impossíveis. No terceiro capítulo, a Dama Justiça ajuda Pizan a finalizar a cidade, povoando-a com mulheres que Pizan nos quer passar como virtuosas. Evoca-se a figura da Ave Maria, que aceita o convite para residir nesse novo refúgio, dentre outras damas que são usadas para povoar essa cidade, como Madalena, Santa Catarina entre outras diversas santas citadas.

Considerado o enredo da narrativa de Pizan, optou-se por explorar neste primeiro capítulo melhor o Primeiro Livro da obra, porque esse nos parece dar o tom da história que a autora quer nos passar. Os últimos dois capítulos são a construção desta cidade que conta com o recurso do *exemplum*, explicado mais à frente neste capítulo, em que Pizan está no processo de construção de sua cidade, ou seja, ela está argumentando a favor das mulheres para deixar claro a seus leitores que essas não merecem o que são ditos delas. Apresentado o início da escavação para o alicerce da cidade de Pizan junto às Damas, prosseguiremos com nossa revisão bibliográfica. Ela serve para o entendimento do panorama geral da nossa temática e como ela vem sendo trabalhada ao longo dos últimos anos, de maneira a dar o tom do que queremos com nossa pesquisa.

2.2 Ascensão historiográfica: Mulheres como sujeitos históricos e os estudos de Gênero

Assim, como Pizan resgatou mulheres que considerava virtuosas, fizemos aqui uma revisão dos estudos que trabalham o lugar vivido ou criado de mulheres dentro da historiografia. Quando Virginia Woolf, no primeiro capítulo intitulado "Mulheres e Ficção" do livro homônimo, começou afirmando que "o título deste artigo pode ser lido de dois modos", isso porque ele expressava a ambiguidade intencional dessa relação. A necessidade de pensar tanto no que as mulheres escrevem quanto no que se escreve sobre elas (WOOLF, 2019). Woolf em seu livro não estava analisando a Idade Média, contudo a passagem referida nos permite pensar que comumente dentro desse período lemos os pensamentos masculinos sobre as mulheres, mas onde estavam as mulheres para os fazer, fica o questionamento inicial. Busca-se, estuda-se e a resposta vem: elas estavam escrevendo e inclusive, estavam publicando suas ideias, e por isso a importância de olharmos para os estudos que vem tentando superar essas lacunas.

Com a renovação do olhar sobre produções de mulheres no passado, a partir de estudos ainda nos anos finais do século XX, foi possível um debate amplo sobre os lugares das mulheres na História (OLIVEIRA, 2020). Obras consagradas como *Minha História das Mulheres*, entre outros textos, de Michelle Perrot, e de Georges Duby, como *Idade Média, idade dos homens*, já mostravam a inserção dos estudos sobre as mulheres dentro da História. Neste contexto insere-se as pesquisas de Michelle Perrot, que ainda na década de 1970 começou a questionar o lugar da mulher na historiografia, influenciada pelo movimento feminista ocidental branco francês, apontando que a História era muito masculina e, portanto, não havia muitas mulheres nessa área. Três décadas depois, seu livro *Minha História das Mulheres* é publicado no Brasil, investigando e apresentando o difícil percurso de inserção das mulheres na História. O livro, considerado referência nesta temática, trouxe à tona a contradição entre o já estabelecido papel de vítima das mulheres e um papel ativo destas. Além de apresentar uma problemática metodológica, demonstra como era penoso o trabalho com as fontes da temática sendo poucas, porque para a autora, preservar fontes públicas foi mais fácil do que privadas e assim, o trabalho dos historiadores nessa área foi dificultado.

Em final da década de 1980, surge o artigo da historiadora Joan Scott, "*Gênero: uma categoria útil de análise histórica*", que iniciou um novo modo de enxergar o gênero, explodindo o caráter fixo deste visto até então, como um binarismo entre masculino *versus* feminino, dentro da História. Assim, em seu artigo traduzido na década de 1990 no Brasil, a importância desse texto para a pesquisa, se faz pela autora voltar-se a contradições ocorridas pela necessidade de criar os conceitos normativos atribuídos aos papéis de gênero, e como fazer essa análise dentro da ciência histórica. Outra perspectiva teórica, já na década de 1990 sobre gênero, convergindo com a linha de pensamento de Scott, no que tange a compreensão das construções sociais do gênero, foi o livro de Judith Butler, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. A teoria de Butler na pesquisa será basilar, pois traz à luz conceitos teóricos importantes como a performatividade de gênero que será aplicado como categoria analítica nesta pesquisa. Sendo este conceito para a teórica, como para além da noção de construção social sendo também performático, cuja repetição dos *atos de gênero* o torna com efeito natural, assim esta categoria implica no que culturalmente se espera dos corpos sexuados, baseado em sua "naturalidade". Este conceito será crucial na investigação e retornaremos nele no próximo tópico da pesquisa.

Já no século XXI, os estudos, tanto sobre a História das Mulheres no medievo quanto sobre gênero, vem ganhando considerável espaço entre as pesquisas brasileiras. Sobre a História das Mulheres no medievo, temos recentemente obras voltadas para compilar pequenas biografias acerca de mulheres notórias e outras que tratam sobre o que essas mulheres produziam nesse período e os impactos de suas obras. São os casos respectivamente, da obra *Mulheres intelectuais na idade média: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística*, dos historiadores Marcos Roberto Nunes Costa e Rafael Ferreira Costa (2018), que traz biografias curtas de mulheres medievais, que está em conformidade com a crescente demanda por este assunto. Outra obra que realiza um mapeamento das mulheres que foram autoridades políticas em seu tempo, manifestando suas indignações de maneiras distintas entre si, mas que hoje reconhece uma causa comum, é o livro *Vozes femininas da Idade Média*, uma organização de Cláudia Costa Brochado, Luciana Calado Deplagne (2019). O livro contribui para a genealogia da memória feminina. Além disso, esses dois últimos livros citados trazem capítulos acerca de Christine de Pizan, e ambas autoras trabalham a questão da mulher no medievo em outros estudos.

Mesmo com essa ampliação de estudos teóricos sobre a Mulheres, os Estudos de Gênero no Brasil, dentro da História da idade média, ocorreram com menos rapidez. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva em seu artigo *Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História* (2006), aponta os problemas que envolvem essas pesquisas dentro do recorte do medievo. No começo dos anos 2000, eram poucos e boa parte deles empregavam a categoria ainda como sinônimo de mulher. Em um trabalho mais recente, *A Querelle des Femmes e a Política Sexual na Idade Média*, Cláudia Costa Brochado (2019) trata sobre esse movimento que trouxe as mulheres ao centro dos debates de defesa das mulheres no período medieval. Além disso, faz também uma genealogia sobre a política sexual na idade média, que é considerada para a autora as relações de poder baseadas no sexo biológico e funções reprodutivas e que intensificou os debates das relações entre os sexos no período. Neste mesmo ano em sua dissertação de mestrado, Carolina Niedermeier Barreiro estuda sobre escritoras medievais trabalhando com a categoria analítica do gênero, discutindo seu lugar na idade média, com sua dissertação *Just Because I Am A Woman... Possibilidades de autoria para mulheres escritoras* (2019). Nesta pesquisa, Barreiro estuda as possibilidades da subjetividade de autoria das escritoras Julian de Norwich (1342-1416) e Margery Kempe (1373-1438) pela categoria do gênero. Outro texto publicado por Carolina Coelho Fortes,

Estudos de Gênero, História e a idade média: relações e possibilidades (2019), que a historiadora investiga como os estudos medievais passaram a trabalhar com esta categoria de análise. Estes trabalhos dão o tom da temática da nossa pesquisa na historiografia brasileira, isso porque esta vem se consolidando a partir dos anos e ganhando *status* de tema importante dentro do período, ao passo que os estudos se intensificam.

Acerca dos estudos da nossa escritora, os trabalhos que se concentram no campo historiográfico são a minoria. Tratando-se de livros especificamente em português, há o de Lucimara Leite, *Christine de Pizan: Uma resistência*. Nessa obra há uma apresentação acerca da vida de Christine, uma discussão mais prolongada sobre a *Cidade das Damas* e do *Livro das Três Virtudes*, um importante trabalho em português sobre Pizan e os desdobramentos acerca desta mulher notável de sua época. Esse livro será importante na pesquisa por possuir um conteúdo rico sobre a vida de Pizan e análise específica do contexto de produção da intelectual medieval. E publicado recentemente, no mês de setembro de 2021, o romance *Memórias de uma escritora medieval*, Lucimara Leite trabalha com as aventuras desta personagem histórica, tendo como pano de fundo as dificuldades de Pizan na época. Outra obra interessante, que reúne informações precisas sobre as produções de Christine de Pizan é um compilado de obras da escritora criado pelo Projeto uma Filósofa por mês⁸. Este possui datas, onde achar as fontes originais, e também as traduções que existem, sendo de muito proveito para quem quiser estudar Pizan. Para a pesquisa, a produção do blog foi utilizada para entender o contexto geral de produção da escritora. Sobre artigos importantes que citaremos e que não necessariamente serão usados nesta pesquisa por se tratarem de análises de outras fontes escritas por Pizan, mas que foram de valor ao longo da etapa de desenvolvimento das leituras. Citamos algumas dissertações das áreas de Letras e História respectivamente: de Gizelda Ferreira do Nascimento Lima, com *Uma análise da educação feminina em o livro das Tres Vertudes a insinância das damas de Christine de Pizan* (2019), e de Daniele Shorne de Souza, com *Feminilidade para Cristina de Pizan a França do início do Século XV* (2013). Outros trabalhos da tradutora da nossa fonte, Luciana Eleonora Calado Deplagne também da área de Letras, que possuiu vários estudos acerca das obras de Pizan.

⁸ Projeto mensal do Grupo de Estudos em Reflexão Moral Interdisciplinar e Narratividade- Germina Blog, que repensa o lugar das mulheres na filosofia, disponível em: <https://germinablog.wordpress.com/grupo-de-pesquisa-ensino-e-extensao-uma-filosofa-por-mes/>. Blog pensado por pesquisadoras da filosofia do Brasil com o intuito de repensar o lugar das mulheres neste campo do conhecimento. Também possuem dois *podcasts* relacionados ao tema, intitulado Uma filósofa por mês e outro Mulheres Intelectuais de Ontem e Hoje. Data de acesso: 17/02/2022.

Principalmente sobre *A Cidade das Damas*, como *La Cité des Dames: Utopia e Gênero* (2003), *A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre idade média* (2019), entre outros. As pesquisas especificamente sobre Pizan vem aumentando, a escritora vem sendo estudada em dissertações nos últimos anos, indicando que a temática está ganhando espaço na História mais recentemente, e em outras áreas como Letras, trabalhos mais consolidados. Tais trabalhos elencados demonstram que o aporte teórico perpassa também as áreas da Filosofia e Letras, tornando a pesquisa mais rica e possível. A partir deste momento, traremos nossas ferramentas conceituais e analíticas.

2.3 Lentes para a leitura do enredo crítico da obra: Representação e Gênero como ferramentas teóricas e analíticas

Feito esses apontamentos bibliográficos, que nos ajudarão a entender o percurso historiográfico e também de outras áreas sobre nossa temática, prosseguiremos com a preocupação em entender como se dá o processo de escrita da narrativa. Sendo este caracterizado pelos deslocamentos da ordem negativa, como o estigma da imperfeição diante da negação da razão nas mulheres por parte dos homens para a positiva das representações femininas, de forma a destacar na sua genealogia as mulheres serem tão virtuosas e sábias quanto os homens. Desse modo, projetando estudar essas representações, tanto as masculinas que Pizan criticou, quanto as que a autora recriou na obra, se faz necessário explicá-las como campo de conceituação dentro da História. De antemão, é importante destacar que o conceito não é fixo, portanto, ele pode ser concebido distintamente por historiadores (SANTOS, 2011, p. 31). Neste trabalho, utilizamos o conceito de representação discutido por Roger Chartier (1988) como suporte teórico para compreender a construção das representações femininas por Pizan em sua obra. Esta opção teórica se fez necessário tendo em vista o que a História Cultural deve preocupar-se, segundo Chartier (1988, p.16), com a construção da realidade social, tendo em vista como esta foi pensada em diferentes lugares. Esse estudo parte do pressuposto que realidades sociais podem ser estudadas por seus próprios sistemas de apreensão de sentido em relação ao mundo, que podem ser chamados de representações e o historiador ressalta que esses entendimentos sobre o mundo não são universais. Chartier (1988, p. 17-18) alerta sobre essa questão explicando que há interesses de grupos dominantes acerca das representações, para ele são esses grupos que forjam a universalidade dessas representações, assumindo uma neutralidade acerca dessas percepções que não existem.

Assim, o conceito de representação para Chartier apresenta-se a partir do entendimento dos esquemas de classificação, criados por cada grupo que acabam se transformando em categorias mentais e representações coletivas, que demonstram a maneira destes grupos se organizarem socialmente. Essa organização social pode ser pensada como visões de mundo, sistemas de valores normativos, campo das atitudes entre outras esferas sobre os “modos de ver” sobre o mundo social. Sendo assim, Chartier (1988, p.23) explica como é compreendido por ele o estudo das representações é:

[...] mais do que o conceito de mentalidade, social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição;- por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns «representantes» (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuar a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

Desta forma, essas visões de mundo, ou seja, as representações sociais acerca das mulheres na literatura de Pizan, serão discutidas a partir da categoria de análise do gênero propostas por Joan Scott (1995) e Judith Butler (2003). Categoria essa que compreende as relações de poder percebidas entre os sexos, buscando-se assim, compreender as estratégias de deslocamento dos papéis de gênero nas representações acerca das mulheres na obra *Cidade das Damas*.

As representações sobre o feminino há muito vem causando discussões principalmente dentro dos estudos feministas e que veio a ser criticado por inúmeros estudos, e aqui usaremos principalmente o de Judith Butler (2003). A filósofa trouxe luz à compreensão do conceito de gênero como estrutura criada socialmente para definir corpos sexuados (BUTLER, 2003, p. 24-25). Desse modo, indica que binarismo biológico se pauta numa suposta situação pré cultural, na qual a própria cultura seria baseada nele, e por isso a estrutura binária de definição de sexo funciona muito bem enquanto aparato de construção cultural do gênero.

o gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese; o acordo coletivo tácito de exercer, produzir e sustentar gêneros distintos e polarizados como ficções culturais é obscurecido pela credibilidade dessas produções — e pelas punições que penalizam a recusa a acreditar neles; (BUTLER, 2003, p.199)

É possível perceber como a hierarquia de gênero deve ser questionada como ponto gerador de “efeitos de verdade”, (BUTLER, 2003, p. 194-195), porque ela causa uma sensação de que essa regulação de identidades é algo natural e sempre pré existente. Partindo dessa concepção, a autora desnaturaliza o próprio sujeito, sendo importante não cair em uma

naturalização do gênero de possuir uma essência. Assim, Butler traz o conceito de *performatividade* para entender que não há nada por trás dessa categoria, porque ela é feita de repetições, de *atos*, ou seja, de performances sociais (2003, p. 200). Desta maneira, a filósofa propõe pensar essas performances a partir desses *atos*, e que estes estão abertos a cisão, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e aquelas exhibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu *status* fundamentalmente fantástico (2003, p. 211). Essa ficcionalidade auxilia a entender como o gênero não precisa de corpos específicos, para Butler o gênero é socialmente construído de maneira que regule corpos e não o contrário. Desse modo, vamos analisar a obra de Pizan considerando-se o que Butler assinala como a *performatividade* do gênero, como uma estrutura de convenção social, é uma performance cultural ditada dentro deste sistema hierárquico de gêneros e se caracteriza por essa atuação dos papéis pré-estabelecidos perpetuados ao longo dos tempos como se fossem naturais.

Desse modo, a historiadora Joan Scott (1995) incentivou a análise histórica pautada em entender que a História deve se voltar a “explodir a fixidade”. Assim é necessário voltar-se a contradições ocorridas pela necessidade de criar os conceitos normativos atribuídos aos papéis de gênero (SCOTT, 1995, p. 21-22). Explodir essa fixidade pode ser entendida no que diz respeito a ainda hoje, pensarmos o lugar da mulher dentro deste recorte temporal, o medieval, e imaginarmos mulheres enclausuradas. Dessa maneira, Deplagne (2019, p. 27) indica que,

Se o avanço dos Estudos de gênero, da História das mulheres, da crítica feminista nas últimas décadas foi capaz de resgatar algumas obras medievais que estiveram à margem da Historiografia tradicional, desafio atual da/o estudiosa/o da Idade Média é de retirar as lentes escuras que continuam refletindo a visão do medievo dentro dessa lógica binária de opressão/sujeição ao se tratar das relações de gênero.

Neste sentido, o contraponto construído por Pizan, às representações masculinas sobre o feminino colocando-as em xeque. Entender como Pizan usa as representações pelas lentes do gênero, nos auxilia a compreender como a escritora pensava os papéis de mulheres e homens, e para além, em como eles não eram estáticos, mas agiam em campos movediços. O que acaba por demarcar as assimetrias do gênero, apresentadas pelos *atos de gênero* que Butler nos explica. Quando Deplagne indica que as relações são para além da opressão, esses conceitos da teoria do gênero adentram para tentar explicar quando os sujeitos não entendem as diferenças baseados na questão natural e não repetem a performatividade esperada deles,

como Pizan. Delineados os percursos conceituais da temática, a seguir abordaremos as questões metodológicas que serão aplicadas a nossa pesquisa.

2.4 Caminhos metodológicos para pensar uma fonte literária: uma apreensão do mundo por Pizan

Imaginação, algo tão intrínseco ao campo da Literatura, e que a História Cultural nos explica ser passível de estudo na História, pois contido nos textos literários, estão presentes os marcadores sociais como as representações, importantes para a ciência histórica. A abordagem cultural propõe justamente trabalhar a imaginação de determinados grupos sociais, realidades determinadas. Trabalhemos com Sandra Jatahy Pesavento (2003, p.42): “dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo”. O que significa dizer que as fontes das quais o historiador trabalha, são fruto dessa imaginação do passado. A Literatura como um dos objetos da História Cultural, pode prover meios de conhecer o passado, desde que o(a) historiador(a) entenda que ela não é apenas um reflexo, mas sim parte da construção da realidade de seu mundo. Essa questão também é levantada por Pesavento (2003, p. 42), que explica:

que o historiador da cultura visa, por sua vez, a reconstruir com as fontes as representações da vida elaboradas pelos homens do passado. Fonte como representação do passado, meio para o historiador chegar às representações construídas no passado. Mais que um mero jogo de palavras, este raciocínio não leva a desconsiderar a realidade sobre a qual se construíram as representações, mas sim a entender que a realidade do passado só chega ao historiador por meio de representações.

Desta maneira, colocar essa representação do passado dentro da Literatura é olhar o passado pelas lentes dos sujeitos históricos que, seja na pena ou na caneta, depositaram suas insatisfações, sátiras e aspirações. Virginia Woolf (2019, p. 13) aplica isso a escrita da Literatura produzida por grupos limitados socialmente, como o das mulheres, “O desejo de defender uma causa pessoal ou de fazer de uma personagem a porta voz de uma insatisfação ou um ressentimento pessoal tem de efeito de distração, como se no ponto para qual a atenção do leitor é dirigida houvesse bruscamente dois alvos de um só.” A autora defende que a escritora ou escritor pertencente a esses grupos que são conscientes de suas limitações dentro da sociedade, incorporam nessa produção escrita suas experiências pessoais tanto como a do grupo a qual estão inclusos. Assim, uma produção escrita por uma mulher contém os

percalços da vida desta e tudo que envolve ser mulher na sociedade. Assim como o caso da obra de Pizan, em que a presença do “eu” da narradora-personagem nos diz muito sobre como a autora se sentia em relação a ser mulher, já que ela usou a primeira pessoa para explicar o que está narrar na construção da cidade, ou as perguntas que ela direcionava às Damas. Luciana Calado (2006, p. 66-67) em seu estudo e tradução, corrobora essa análise de Virginia Woolf,

O valor patente do “eu”, no caso característico da escrita feminina, é indicador de uma forma de resistência de emudecer ao qual as mulheres foram condenadas. [...] Tal peso da escrita leva o espaço da palavra feminina a ser analisado em sua integralidade: enquanto forma e conteúdo. No caso de Christine, alguns estudos já apontaram para uma inovadora prática linguística no seu período literário. Através de uma feminização da língua, muitas de suas obras já vêm implicitamente adornadas de reivindicações no âmbito de gênero

Neste sentido, observar esses detalhes na escrita de Pizan são importantes para perceber os testemunhos, tanto pessoais, quanto do pertencimento a um grupo socialmente limitado, e pode ajudar a entender o que era ser mulher e qual a dimensão disso no período da fonte. Essa dualidade auxilia na tarefa de buscar nesse mundo quase intangível, das mulheres medievais, aquilo que nos foge diante das fontes produzidas por homens dentro do mesmo período.

Dessa forma, a Literatura faz parte desse universo, não sendo apenas um reflexo, mas sim um modo de expressão. Sobre essa noção ampliada acerca da literatura e seus desdobramentos na História temos Chartier (1988, p. 25) que estuda o campo dos textos um dos objetos de seus estudos, ele explica que a História Cultural

Aplicada a teoria da leitura, esta perspectiva leva a observar quão insatisfatórias são as abordagens que consideram o acto de ler como uma relação transparente entre o «texto» — apresentado como uma abstração, reduzido ao seu conteúdo semântico, como se existisse fora dos objectos que o oferecem a decifração — e o «leitor» — também ele abstracto, como se as práticas através das quais ele se apropria do texto não fossem histórica e socialmente variáveis. Os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculos [...].

O que Chartier ressalta é a importância de entender esse universo da fonte escrita, porque ela perpassa várias instâncias como foi dito até o momento, sendo necessário um cuidado com a análise histórica deste tipo de fonte, pois deve ser estudada diante de seu contexto de criação. Por isso a importância de conhecer não só a obra, mas todo o seu contexto de criação, o que perpassa estudar a criadora e os tipos de literatura na tentativa de esclarecer essas questões.

No caso da nossa pesquisa, Segismundo Spina (2007) em *A Cultura Literária Medieval*, faz um estudo sobre os elementos utilizados na literatura medieval que ajudam a entender o período por meio destas fontes. Para o autor, a literatura medieval é uma expressão da produção da coletividade e dela pode se extrair as várias faces do medievo, as quais foram importantes para as criações literárias e suas diversas formas. O estudo da literatura neste período, segundo o autor (2007, p. 30-31), não pode perpassar conceitos de “nascimento” ou “declínio”. Isso porque dentro da História e da Literatura tais conceitos são inaceitáveis, tendo em vista que as formas literárias se transformam e derivam outras modalidades, o autor as compara com uma língua, que nunca morre, mas sim se altera conforme o tempo. Desse modo, Spina (2007, p. 31) indica o caminho para esse estudo, ele explica que a literatura medieval pode ser entendida por meio de algumas formas que são: étnicos, filosóficos, sociológicos e religiosos. De maneira respectiva, o autor indica que temos o fator étnico como aquele que representa um estilo de uma cultura, Spina utiliza o exemplo das influências célticas nas produções cavaleirescas. Outro fator, o filosófico, que visava pensar os dilemas entre razão e fé. O sociológico, que pode ser definido como um fator que buscava tecer um olhar crítico para com a sociedade. E por fim, o fator religioso, indicado pelas influências da Igreja e seus dogmas na produção literária.

Essa manifestação coletiva na literatura a torna um objeto de pesquisa interessante, não de forma a representar um passado, mas justamente nos mostrar como determinados grupos enxergavam ou almejavam para suas vivências. O estudo das fontes literárias medievais perpassa compreendermos, primeiramente, que neste período, como já afirmado, é uma expressão coletiva, de modo que ela representa que a produção cultural estava intrinsecamente ligada à estrutura social da época (SPINA, 2007). E isso se aplica ao caso da nossa fonte, ao escrever *A Cidade das Damas*, Pizan percorreu alguns caminhos tratados acima, como a questão do olhar crítico ao grupo dos homens, pois ela acreditava em outros valores, em uma “outra cidade”. Mesmo não alterando as estruturas masculinizadas de seu mundo, a escritora ainda sim contempla uma crítica a uma determinada parcela da sociedade que não creditava às mulheres como merecedoras de igualdade de tratamento. Outro fator passível de compreensão do contexto de criação da obra é o religioso. Pizan se utiliza dele ao trazer as damas alegóricas que representam valores cristãos impregnados nesta sociedade medieval, ou quando menciona atributos femininos muito ligados ao seguimento dogmático da Bíblia, ou ainda a presença da Virgem Maria como uma das damas que habitariam sua

cidade refúgio. Contudo, devemos pensar que o que está em voga é pensar que mesmo dentro do padrão dogmático bíblico Pizan consegue fazer desvios. Esses direitos desviantes apesar de não existirem como proibição literal na bíblia, a cultura medieval ocidental da época considerava pecado para mulheres, o que torna a escrita de Pizan transgressora.

A produção de Pizan também pode ser analisada por seu gênero literário. Autora de inúmeros tipos de gêneros literários, o livro trabalhado em nossa pesquisa se caracteriza como um *exemplum*. Pizan neste livro trabalha com o *exemplum*, espécie de manual. Lucimara Leite (2015) indica que o da escritora serviria para que as mulheres que lessem pudessem se sentir encorajadas a seguir algumas aspirações sociais, pouco incentivadas, como educação e guerras. O *exemplum* para Leite (2015, p.22), “é uma série de histórias, geralmente curtas que servem para induzir a pessoa que as escuta ou lê a seguir o modelo apresentado”. Por isso esse tipo de narrativa era muito usado pela Igreja de modo que era útil para persuadir os fiéis em relação às novas mudanças da sociedade, de modo que a pregação atingisse de modo eficaz essas pessoas (2015, p. 40). A pesquisadora ainda indica algumas características dos *exemplum*, e como esse tipo de narrativa já existia desde a antiguidade em que se contemplava as histórias dos heróis (2015, p. 50). Contudo, no medievo deixou-se de contemplar apenas esses heróis e passou a ter importância o exemplo do herói, portanto tanto o protagonista quanto sua história tornaram-se complementares. Para Leite, o passado era uma forma de mostrar autenticidade, como no caso da bíblia, em que a vida da virgem Maria era usada em muitos exemplos para condutas morais cristãs. A autora, ainda elenca como o *exemplum* estava ligado à questão teológica, moral e didática, e como juntas essas características deveriam chamar atenção do leitor, impressionando-o com a doutrina religiosa. Esse gênero, o de tratados de educação⁹, auxiliam a entender a que universo literário Pizan se encaixava e como seus objetivos como autora estão dispostos em sua obra. Utilizando-se dessa técnica, percebe-se que a escritora criou uma rede de exemplos para suas leitoras. Assim, poderiam seguir o caminho da conduta moral que Pizan acreditava ser a certa para estas mulheres.

Neste sentido, consideramos que a obra de Pizan pode ser pensada como identidade e um objeto cultural, tendo em vista que seu livro foi escrito a partir de uma apreensão de si e

⁹ Gênero literário em evidência a partir dos séculos XII e XIII, quando se passou a tratar em textos produzidos por eruditos e clérigos sobre educação, assim esses tratados visavam por meio do comportamento direcionar os homens e mulheres ao melhor caminho dentro da moralidade apresentada em determinado texto. Ver em: LEITE, Lucimara. Christine de Pizan: **uma resistência na aprendizagem da moral da resignação**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

do mundo que ela estava inserida, este que acreditava ser injusto com as mulheres. Para além da própria questão da recepção da obra, isso porque seu livro iniciou a chamada “*Querelle des dames*”, um movimento literário que buscava mudar a imagem que se tinha das mulheres e estendeu-se do século XV até o XVIII (LEITE, 2008, p. 89). Dessa forma, nossa fonte consegue demonstrar muitos detalhes que permeiam a pesquisa, como as motivações da escritora e o que essa obra significou no contexto que foi produzida.

Feitas as considerações metodológicas acerca do trato com a fonte literária e como a História trabalha isso, além da autoria singular da obra, pelo fato de uma mulher ter escrito, passa por uma preocupação em demonstrar que nossa análise leva em consideração todos esses desdobramentos. Desse modo, pretendemos analisar, no próximo capítulo, se na narrativa de Pizan, dentro de universo literário predominantemente masculino, foram desestabilizados os papéis de gênero, com sua proposta de mulheres virtuosas.

Para a análise de modo a contemplar as nuances e desdobramentos acerca da crítica de Pizan contra os estereótipos negativos sobre as mulheres, um recorte na análise foi preciso para não tornar a problematização genérica. As representações negativas escolhidas se referem a estigmas que ainda perduram nos dias de hoje associadas às mulheres. As representações escolhidas serão analisadas por meio de comparação entre elas, a fim de buscar elementos que possamos identificar como modelo de deslocamento entre as representações ditas ruins, para as valorativas que Pizan tece em seus argumentos, em defesa das mulheres. Deste modo, para verificarmos como a autora percebe e produz a figura da mulher na tentativa de viabilizar a *performatividade* de gênero na escrita de Pizan. Estes deslocamentos exercidos por Pizan em sua narrativa, trataremos pela categoria analítica do gênero.

3. E QUEM DISSE QUE AS MULHERES NÃO VÃO À OBRA? A NARRATIVA DE *A CIDADE DAS DAMAS* COMO FRONTEIRA ENTRE A PERFORMATIVIDADE E A IDENTIDADE DE GÊNERO

“Mesmo tendo lido nesses livros, duvido que tenhas visto com teus próprios olhos, pois não passam de propósitos vergonhosos e mentiras patentes [...] Concentra-te, retoma tua consciência e não te preocupas mais com essas tolices; sabe que uma difamação categórica das mulheres não conseguiria atingi-las, mas, sempre volta contra os seus autores.” (PIZAN, p. 123)

Pizan não ficava apenas em seu gabinete, ela também construía. A construção de edificações e de execuções de obras são práticas pouco associadas às mulheres, e por isso foram escolhidas para pensarmos o quanto a narrativa no livro de Christine de Pizan deve ser pensada entre fronteiras, entre um mundo dito feminino e outro masculino na idade média. Esse entre mundos, aqui vamos nomear como os limites fronteiraços desta obra de Pizan. O que permite pensar como sua argumentação como algo transgressor para a época, ao mesmo tempo que ela não criticou a sociedade masculina como um todo, mas sim as direcionou em pontos específicos. E durante o desenvolvimento da narrativa podemos perceber como Pizan nos deixa a par do que ela crê ser passível de críticas ou não. Assim, ela usa algumas das representações negativas e as desconstrói, usando-se das damas alegóricas para deixar a narrativa mais atraente, além de ser um recurso bastante usado no período, considerando que a autora usa várias vezes um tom sarcástico para abordar os assuntos, o que também contribui para deixar a narrativa mais impactante. Pizan não apenas informa suas leitoras e leitores, ela os leva a imaginar os cenários onde damas virtuosas foram importantes nos mais diversos lugares e temporalidades. A escritora constrói com a ajuda das damas citadas as paredes da sua cidade refúgio, em que cada representação de virtude feminina cria mais uma barreira contra o mundo da perseguição masculina. Nesse mundo, Pizan dizia que as mulheres eram taxadas de menos importantes, inferiores à predestinação dos homens serem protagonistas da vida pública, lutas, governos, lares e do campo das letras.

A Cidade das Damas, traz à tona a crítica do homem como centro do mundo universal, ainda que ela use exemplos vindo deles, já que os utiliza para refutá-los de maneira centrada na demonstração de paralelos entre o que estes diziam e o que mulheres fizeram justamente o contrário, demonstrando aqui o primeiro fator passível de análise pela categoria do gênero, o caráter relacional destes estudos (FORTES, 2019). Os estudos de gênero

necessitam de uma forma de análise de vários pontos, deslocando-se apenas da oposição homem/mulher, ele avança para aprofundar os debates deste sistema e como os sujeitos os burlam nos mais diversos sentidos. Considerando isso, o que queremos demonstrar na obra de Pizan é que não queremos apenas mostrar que a autora ocupa um lugar que era considerado feito para homens e que na sua obra ela denuncia a posição inferior que as mulheres são colocadas no período e até mesmo antes. A narrativa criada por Pizan e seu jogo de representações serão colocados diante da categoria analítica de gênero pois sua escrita está na fronteira dos limites expostos entre o feminino e o masculino, pois coloca as representações negativas em xeque as considerando erradas, o que vamos interpretar como uma demonstração da desestabilização dos atos de gênero que as mulheres deveriam reproduzir segundo os homens. Os atos de gênero, como já explicados, são as performances que se espera dos corpos sexualizados. Aqui podemos compreender que segundos os homens os quais Christine de Pizan rebate esperam do gênero feminino, mulheres que não são confiáveis, pouco racionais, inferiores a capacidade dos homens de ditar os rumos da História.

Quando Virgínia Woolf (2019. p. 13) afirmou que “é muito mais difícil matar um fantasma do que uma realidade” estava se referindo ao processo de matar o que ela chamava de “anjo do lar”. Esse fantasma era uma mulher fictícia que a atormentava lembrando-a constantemente, enquanto desenvolvia suas resenhas, que a autora precisava ser mais feminina, amigável, branda, não demonstrar muita opinião, que no final tinha que agradar a todos. Anos depois, teóricos iriam destrinchar conceitos importantes para entendermos que essa situação enfrentada por Woolf nada mais era, ela enquanto mulher, tendo sua participação social e intelectual subestimada e desencorajada, pelo ideal do anjo do lar, uma “mulher ideal”, uma que performatiza a feminilidade. E isso significa que esse anjo é a face da estrutura dominante que estipula como as mulheres deveriam ser. Amáveis, não ter opinião forte, falar sobre assuntos agradáveis, ou seja, passivas, a característica oposta aos dos homens, eles são os ativos, os sujeitos dominantes dentro dessa estrutura patriarcal.

Desta forma, quando Pizan questiona seus leitores sobre a incapacidade intelectual das mulheres, utiliza-se do seu método de desconstrução, ela segue um padrão. Fazia uma pergunta à Dama sobre uma representação negativa atribuída ao gênero feminino, e esta respondia com um, ou alguns exemplos de mulheres que fizeram o contrário do que os homens afirmavam ou demonstravam possuir uma índole distinta do que os homens as acusavam.

Dama, digamos que seja verdade, mas conheço um livro de outro autor italiano, cujo nome é Cecco d'Ascoli; originário, creio eu, da região da Toscana. Nele, há um capítulo em que ele fala coisas incrivelmente abomináveis; propósitos que ultrapassam qualquer um outro, e que nenhuma pessoa sensata iria repetir.” Resposta: “Filha, não te espante se Cecco d'Ascoli fala mal de todas as mulheres, pois ele as abominava, odiava e desprezava todas. E sua hostilidade monstruosa o levava a querer compartilhar com todos os homens seu ódio e repulsa. Todavia, ele teve a recompensa justa, pois pagou suas injúrias criminosas morrendo desprezivelmente na fogueira. (PIZAN, 2006, p. 136-137)

Assim, o que é interessante nesse processo de desconstrução destas representações, ou seja, dos papéis sociais atribuídos a identidade do gênero feminino, é notar que essas condições de identidade do gênero feminino são questionadas também por Pizan, sua narrativa quebra com a ficção reguladora patriarcal, demonstrando que não há nada natural em se identificar com certos papéis sociais esperados das mulheres. Desta forma, podemos perceber na obra, uma possibilidade de constituição de uma nova identidade feminina, com a ajuda das novas representações para as mulheres. Tal qual Woolf que para conseguir continuar escrevendo e produzindo opiniões sobre a sociedade, “matou seu anjo do lar” e só então obteve êxito, porque sua “natureza fictícia lhe foi de grande ajuda” (2013, p. 13), Pizan “matou” alguns anjos também, pois demonstrou a fragilidade destes, desconstruindo o que se esperava das mulheres em sua obra. Desestabilizar identidades não é uma tarefa fácil, mas conseguimos entender como é possível analisando a estrutura hierárquica de dominação social, trazendo à tona os debates sobre gênero como princípio organizador da sociedade. Sendo assim, podemos pensar que se identidades de gênero são passíveis de transformações porque são fictícias, ou seja, construídas socialmente e culturalmente.

Afirmar que as identidades são fictícias pode parecer, à primeira vista, um pouco radical. Porque afinal de contas, todos nós temos nossas identidades tão arraigadas em nossa mentalidade e cultura que fica difícil de pensar que elas são frutos de nossa socialização enquanto sujeitos sociais. As representações, para Chartier, integram esse mundo construído socialmente e culturalmente. Dessa forma, para o autor,

há aí uma primeira e boa razão para fazer dessa noção a pedra angular de uma abordagem a nível da história cultural [...] em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição;- por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns «representantes» (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (1988, p. 23).

Os estudos culturais que trouxeram esses debates importantes sobre identidade, nos possibilitam explorar a forma de diferenciação dos sujeitos por classificações criadas por apreensões de mundo. Assim, analisaremos a partir de agora as duas representações, contextualizadas separadamente no início deste capítulo, no intuito de perceber pontos de intersecção entre a desconstrução de Pizan dos “fantasmas” que assombram a história das mulheres, os seus estigmas.

Assim, a narradora-personagem e as damas não poupam palavras mais rígidas para tratar das calúnias masculinas das quais elas estão discutindo. O que dá um tom de reivindicação e presença forte da autora em sua obra, como quando a dama lhe explica porque os homens falam mal das mulheres.

Quanto àqueles que são maldizentes por natureza, não é de se espantar se eles maldizem as mulheres, já que criticam todos! E, no entanto, eu te asseguro que todo homem que tem prazer em falar mal das mulheres tem uma alma bem abjeta, pois age contra razão e contra natureza: contra razão, porque é ingrato e não considera o bem que as mulheres o fazem, benefícios tantos e tão grandes que não se saberia retribuí-los, dos quais se tem uma incessante necessidade; contra natureza, já que ele não é nem animal, nem ave que não procura naturalmente sua metade, quer dizer, sua fêmea; é, portanto, algo contra a natureza se um homem dotado de razão faz o contrário” (p. 135).

Durante a explicação da Dama Razão sobre esse comportamento, quase sistemático, dos homens em atribuir essas noções ao feminino, podemos iniciar nossa análise pautada no grifo que fizemos neste trecho, em que a narrativa questiona os papéis gênero masculino de racionais e contra a natureza, de que homens devem ser próximos às mulheres já que homens e mulheres devem encontrar suas “caras metades”. Esse ponto é interessante para os estudos de gênero, em que este se pauta na compreensão da atuação performática do gênero. Tal qual Butler (2003, p. 194) explica ser a dimensão destabilizadora como denuncia da ficção coerente da norma reguladora ante um rompimento. Os papéis de gênero são constituídos culturalmente e historicamente. Portanto entender que Pizan não apenas queria um lugar para as mulheres na sociedade, mas estava questionando a própria estrutura binária sexual de seu mundo, pois levanta a hipótese de que os homens quando acusam mulheres, atribuídos como falsos pela obra, estão indo contra os próprios papéis de gênero atribuídos a seu grupo por si mesmos.

Neste sentido, Pizan faz um estudo relacional entre os gêneros feminino e masculino durante a narrativa. Como aponta Carolina Coelho Fortes, o estudo de gênero só é possível fazendo análises baseadas nos aspectos femininos e masculinos, o que significa dizer que a

construção do que significa ser “homem” e ser “mulher” (2006, p. 1) depende do processo de diferenciação destas identidades. E Carolina Fortes ainda nos aponta o problema da ausência feminina nas produções medievais, considerando que o que os homens escreviam sobre as mulheres estavam no campo do ideal, ou seja, das representações. Assim, podemos identificar como a obra da cidade das damas ecoa diversas dimensões acerca das diferenças sexuais. Deste modo, o debate sobre esse tema demonstra como o gênero não é a-histórico, como a estrutura reguladora binária nos quer fazer acreditar, ele possui definições conforme seu contexto, o do período de *A Cidade das Damas* não seria diferente. Esse caráter da obra entra no conceito de “explodir a fixidade” do gênero, de Scott (1995), que mencionamos no capítulo anterior, porque explica como umas das funções dos estudos de gênero dentro da História, é questionar os conflitos dentro dessa estrutura hierárquica. O que significa dizer que as críticas de Pizan adentram esse universo de repensar as representações femininas, era ela criticando a quem impôs a ausência das mulheres falando, criando, escrevendo sobre o feminino. Deste modo, estava tentando reconstruir uma identidade a qual as imposições estavam atreladas à estrutura de poder dominante, a dos homens.

Seguindo nossa metodologia, a pesquisa está baseada na análise de duas representações, a má índole e a incapacidade intelectual. Para isso, a partir de agora começaremos a análise em si, que parte de descrições dos capítulos em que as representações estão situadas, explicando o contexto de cada uma delas. Em seguida uma análise comparativa de como na narrativa elas são apresentadas, ou seja, se há um padrão de desconstrução validando a questão se há elementos suficientes para compreensão da dimensão dos estudos de gênero. E por fim, como elas podem ser a resposta para entendermos se a aplicabilidade do conceito de performatividade na narrativa de *A Cidade Damas*.

3.1 A “incapacidade intelectual”

Entre as seções XXVII e XXXV, a narrativa se desdobra no questionamento da personagem principal junto a Dama Razão, o porquê da educação ser algo destinado às mulheres. A Dama então explica ser um problema sério, e que constantemente atrapalha a dedução de mulheres serem propícias a estudar, produzir escritos, ou seja, possuírem a capacidade suficiente para a intelectualidade. E tais acusações, segundo a Dama, só podem ser

feitas porque os homens a restringem desse processo, tornando “fácil” acusar as mulheres de não possuírem tais condições. Assim

Vou repetir e não duvides do contrário, pois se fosse um hábito mandar as meninas à escola e de ensiná-las as ciências, como o fazem com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências tão perfeitamente quanto eles. Sem dúvida, é por elas não experimentarem coisas diferentes, limitando-se às suas ocupações domésticas, ficando em casa, e não é há nada mais estimulante para um ser dotado de inteligência do que uma experiência rica e variada. [...] não há dúvida que a Natureza lhes forneceu tanto os dons físicos quanto os intelectuais que apresentamos homens mais sábios e mais eruditos que podemos encontrar nos grandes centros e nas cidades. Tudo isso é consequência de não aprender, apesar de que, como já disse, entre os homens e entre as mulheres, uns são mais inteligentes do que outros. (PIZAN, 2006, p. 176-177).

O argumento de Pizan é demonstrar como as mulheres muitas vezes são taxadas de incapazes de aprender porque simplesmente não as incentivaram, diferente do caso da própria escritora, que teve sua educação priorizada ainda quando nova. Assim, a educação tem uma presença forte ao longo de toda a narrativa, tanto como temática principal como o caso da seção tratada aqui, quanto de forma secundária. Pizan nos traz exemplos de mulheres que aprenderam e foram capazes de feitos que, segundo ela, os homens indicavam não ser apropriado ao feminino.

Ceres, foi uma rainha da Sicília, na Antiguidade, e, pela engenhosa sabedoria, foi quem primeiramente inventou a ciência e as técnicas da agricultura e os utensílios relacionados a ela. Foi ainda essa dama que levou as pessoas de então, acostumadas a viverem aqui e ali, pelos bosques e lugares selvagens, vagando como animais, a se aglomerarem em comunidades, e construir cidades e casas, onde pudessem viver juntos (PIZAN, 2006, p. 188).

Esse exemplo é um de uma sequência de relatos demonstrando por Pizan como forma de demonstrar a aptidão feminina para a intelectualidade. Também é possível de perceber como a reivindicação de acesso à educação é uma forma da escritora tentar demonstrar como deveria ser a sociedade da época, com uma participação mais efetiva na sociedade, em que ela demonstra não só nesse exemplo. Assim, como em todos os assuntos, ela indica os benefícios que as mulheres trouxeram ao mundo fazendo uma reivindicação em defesa das mulheres, ao passo que podemos pensar que ela estava ao mesmo tempo criando autoridade enquanto escritora. Considerando que sua escrita possui personalidade, podemos pensar que ela estava ao mesmo tempo reforçando sua posição de intelectual e que ela só estava naquela posição porque mulheres conseguem e não apenas por causalidade. Pizan ainda encerra essa seção criticando a produção literária e escolástica.

Ah, Dama, ao escutar-vos, me dou conta mais do que nunca como é grande a ignorância e ingratidão de todos esses homens que maldizem tanto as mulheres! Que se calem! Que se calem a partir de agora, os clérigos que maldizem as mulheres, e todos aqueles aliados e cúmplices as criticam em seus livros e poemas! (PIZAN, 2006, p. 192)

Essa imposição de sua voz diante as supostas inverdades ditas pelos homens é um ponto interessante se pensarmos o lugar desta personagem na narrativa da obra, ela é a protagonista, então espera-se que ela aja como tal, além dela também ser uma intelectual. E portanto, podemos pensar que também estava subscrevendo seus sentimentos em relação às expectativas para com sua posição social de escritora, as quais talvez ela queria almejar dentro desta nova cidade. De modo geral, nestas seções Pizan esclareceu seu ponto de vista sobre as mulheres não servirem para trabalhos intelectuais. A próxima desconstrução é sobre a representação má índole feminina.

3.2 A “má índole”

Pizan nos traz entre as seções de número LIII e LXI a discussão sobre a “má índole” a qual mulheres eram associadas e, por consequência, a alguns comportamentos associados a essa causa, como infidelidade, falsidade e maldade por natureza, sendo pouco dignas de confiança. Na narrativa, Pizan nos demonstra, com um diálogo entre a personagem-narradora e a Dama Retidão, como ela não entende que certas virtudes eram associadas apenas aos homens, porque as mulheres foram apontadas como desprovidas de atitudes louváveis. Ela questiona o fato disso ser apenas um alarde desproporcional, tendo em vista que homens também estão inseridos nas desgraças do mundo, porque

“ [...] dizer que é a maior parte das mulheres não sejam virtuosas é falso. Isso pode ser confirmado por tudo que vimos, na experiência do cotidiano, de devoção, caridade e virtudes nelas. Por outro lado, é bem provado que não vêm delas todas as atrocidades e horrores cometidos constantemente no mundo. **E porque seria estranho se nem todas são virtuosas?** (PIZAN, 2006, p. 290. Grifo nosso).

Esse golpe é em um muro já fragilizado. Christine de Pizan (2006, p. 290) bate de forma contestadora, porque se até em um grupo de discípulos de Jesus, em que havia apenas homens, ainda sim um o traiu,

Mesmo entre os discípulos de Jesus Cristo, apenas doze homens, havia um do mal. E os homens ousaram dizer que todas as mulheres deveriam ser boas, e aquelas que não fossem, deveriam ser lapidadas? Mas, peço-lhes que olhem para eles mesmos, e aquele que não tiver pecado que atire a primeira pedra. Pois, qual deveria ser a conduta deles? Certo, quando forem perfeitos, as mulheres seguirão seu exemplo!”. (PIZAN, p. 290)

Neste trecho temos um exemplo forte e demarcado por uma posição firme em relação a sua argumentativa, ela pondera que se não havia nenhuma mulher ali em torno de Jesus, como poderia ser uma característica própria apenas de mulheres. Assim nos mostrando sua clareza em relação aos pontos que queria defender.

A autora ainda nos traz um debate interessante sobre a própria concepção de sexo e o que seria uma socialização da “essência do gênero feminino, a personagem pergunta a Dama Retidão sobre porque os homens não acreditavam na veracidade dos sentimentos femininos.

“Dama, há sobre a terra uma lei natural de atração dos homens em relação às mulheres, e das mulheres, em relação aos homens. Não se trata de uma lei social, mas de uma inclinação carnal, pela qual homens e mulheres se amam reciprocamente, com grande e apaixonado amor,[...] Os homens têm o hábito de dizer que as mulheres, por mais que façam promessas, são inconstantes, pouco apaixonadas, mentirosas e extremamente falsas (PIZAN, 2006, p. 291).

Neste diálogo com a Dama, podemos entender um pouco sobre o que a autora traz como conceitos de lei natural e lei social. Estes dois conceitos são o que compreendemos como o entendimento de Pizan sobre socialização dos papéis de gênero. A “lei natural” são as diferenças biológicas entre homens e mulheres, já o que a autora chama de lei social, é o que podemos considerar as determinações socialmente atribuídas a cada um desses sujeitos baseadas em seus sexos.

Assim, como pontua Carolina Fortes (2019, p. 12), a História do Gênero é interessada em saber como se constituem as hierarquias, de modo a entender os mais diversos processos envolvidos, sem focar apenas em origens e causas únicas, o que é expresso neste trabalho por tentarmos entender as várias dimensões da narrativa da nossa fonte. Desta maneira, logo em seguida, ainda no mesmo diálogo, a Dama Razão questiona a narradora-personagem sobre porque a formação moral deveria contar com defesas para as mulheres contra os homens, além só da defesa masculina das "artimanhas" femininas.

Mas, demonstrar-te-ei que eles estão errados, ao pensar que o fazem para um bem comum, [...] aquilo que é feito para o bem de uns e não dos outros, deveria ser chamado de bem privado, pessoal, e não de público. No entanto, é certo que os homens enganam freqüentemente as mulheres com suas ciladas e armadilhas. E, não há nenhuma dúvida de que as mulheres também fazem parte do povo de Deus, que são criaturas humanas ao mesmo título que os homens, e não de uma raça diferente, que poderíamos excluir da formação moral. Deve-se concluir que se eles tivessem agido para o bem comum, quer dizer em favor das duas partes concernidas, eles teriam também se dirigido às mulheres para terem mais cautelas com as armadilhas com que os homens tentam enganá-las, como fizeram em relação aos homens. (PIZAN, 2006, p. 291-292).

Esse processo de desconstrução da representação da mulher que é maldosa e pouco confiável é nosso segundo exemplo de demonstração da potência de Pizan nas reflexões acerca de seu contexto social. Aqui finalizamos a análise contextual das duas representações eleitas para trabalharmos nosso problema de pesquisa. A partir de agora iniciaremos a tentativa de viabilidade da performatividade na desconstrução dos estigmas femininos. Neste momento em diante vamos entender como a escrita de Pizan é um limite fronteiro das representações como campo da performatividade de gênero enquanto criação de identidade de gênero.

3.3 As fronteiras da desconstrução de representações: a performatividade como possibilidade de criação de identidade de gênero

Ao retornarmos a pergunta que inicia este capítulo, “e quem disse que as mulheres não vão a obra?”, queríamos que nosso leitor ou leitora se questionasse acerca da construção de Pizan, sua cidade refúgio e como ela metaforicamente se utiliza de expressões de projetos arquitetônicos para expressar suas ideias. Assim, nossa inquietação a respeito de construções de obras por mulheres é uma forma de ressaltarmos neste trabalho o *status* da mulher que nunca é associado ao de criação. Local esse que, quando acessado, por vezes é menosprezado ou ainda deixado para ser esquecido “nos corredores quase sem luz da história”, aqui parafraseando Virginia Woolf (2019). Desta forma, a ambiguidade relacionada a essas construções não é mero descuido de nossa parte, mas sim uma forma de demarcar como o local da mulher na história também não é claro, porque não foi pensando para assumir essa objetividade e nem protagonismo, ou seja, a mulher por tanto tempo foi considerada “do lar” e quando passou a “habitar o mundo dos homens”, seu lugar na sociedade passou a ser debatido.

Debates para além do lugar da mulher, mas sobre o gênero e as construções dele passaram a ocupar seu lugar na academia como exploramos até aqui em nossa escrita. Desta maneira chegamos na parte central de entender como nossa problemática de pesquisa poderá ser respondida. O ponto norteador de nosso trabalho foi motivado por como Pizan questiona as representações sociais negativas acerca da mulher com sua proposta de damas virtuosas em sua obra.

Tal questionamento, como já dito, é feito pela desconstrução das representações, portanto nos dois exemplos demonstrados no início da discussão deste capítulo, em que Pizan

se utiliza de estereótipos femininos comuns que aqui identificamos como *atos de gênero* para fazer seu processo de desconstrução destes. Essa desconstrução de representações sociais acerca do que era considerado uma essência feminina ou ainda o que era esperado de uma mulher, são condicionantes à estrutura da matriz sexual reguladora da sociedade. E vale mencionar, pa

ra que não haja interpretações dúbias, que nosso recorte de pesquisa buscou entender a estrutura hierárquica sexual da sociedade ocidental, sendo assim não nos interessou abranger todos os sistemas regulatórios de gênero. Assim, ressaltamos que o sistema a qual estamos analisando é portanto é a sociedade ocidental, a mesma da qual nossa obra estava inserida. Tal característica, achamos pertinente destacar essas distinções que fizemos lá no começo do trabalho. Esse trabalho é sobre uma obra de uma autora privilegiada de sua época e de jeito maneira consideramos que uma análise universal sobre as mulheres poderia ser feita baseada nela. Sendo assim, também consideramos importante destacar que há outras formas de opressão de gênero, para além dessas que estamos problematizando, Considerando estas diferenças entre as culturas, podemos afirmar que o marcador de gênero é integrante das categorias de divisão social além de princípio organizador desta. Assim, como toda sociedade tem suas organizações, tal qual afirmou Duby (2011, p. 10):

Como todos os organismos vivos, as sociedades humanas são o lugar de uma pulsão fundamental que as incita a perpetuar sua existência, a se reproduzirem no quadro de estruturas estáveis. A permanência dessas estruturas é, nas sociedades humanas, instituída conjuntamente pela natureza e pela cultura. O que de fato importa é a reprodução não apenas dos indivíduos mas também do sistema cultural que as reúne e que ordena suas relações.

Esse sistema cultural reproduzido constantemente é um ponto em que Butler (2003, p. 199) toca no que concerne à regulação do gênero, pois este para manter-se vivo culturalmente, depende de sua constância de repetições. E essa normatividade advinda das repetições é o que a autora entende como o campo da performatividade. A performatividade, na obra de Pizan, é identificada nas partes em que se debate o que poderia ser ou não associado às mulheres e demarca uma posição fora da normatividade esperada. A fronteira que Pizan cruzou e ali se estabeleceu, para espionar a narrativas masculinas e criar as suas próprias, com o seu viés de análise, só podem ser compreendidas pela performatividade de gênero. Assim, quando Pizan se refere às suas mulheres virtuosas em contrapartida das falácias masculinas, a ficcionalidade da estrutura pode ser destacada.

O gênero textual de *exemplum* que Pizan utilizou faz sentido se pensarmos que ela queria provar seu ponto usando exemplos que para a época eram tidos como regras estáticas e não poderiam ser questionados, como os da bíblia. Além de exemplos de mulheres que existiram concretamente, como rainhas, princesas e mulheres notáveis, ela ressalta também a importância das mulheres nos rumos públicos ao longo da história. Essa estratégia de tentar reverter o que a maioria dos religiosos ou literatos homens falavam sobre as mulheres é muito interessante, porque é nela que pautamos que Pizan usava a estrutura vigente para recriar as representações femininas. Outro ponto a ser ressaltado novamente é a questão que ela não quer acabar com todas as maldizeres sobre as mulheres e nem por fim a opressão de gênero. Seu movimento de combatê-los dessa maneira, apresentando as virtudes da maioria das mulheres, segundo Pizan, se torna um campo de subjetividade de grande importância de análise. A subjetividade adentra os limites do que Duby (2011, p. 116-117) indica ser ideologia dominante e o *eu* prisioneiro desta. Assim, para o historiador, mesmo que tenhamos acesso às obras de época distintas, elas sempre apresentarão junto a si o véu do sistema ideológico e um afastamento para com a realidade. Desta forma, tendo conhecimento deste véu, é necessário não separá-lo das fontes, mas entendê-los como produto das repetições da estrutura cultural que, por sua vez, atua por meio da hierarquia de gênero. E por isso, não é possível dissociar, por exemplo, a questão da produção feminina isolada da dos homens. Tal análise de Duby é acrescida com a análise de gênero que propomos neste trabalho, pois como afirma Joan Scott (1995, p. 21) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”. E portanto, este conceito deve ser aplicado de maneira relacional. O que poderiam ser pontos de controvérsia na obra de Pizan, como essencialização do “ser mulher”, aqui enxergamos justamente como uma batalha no campo das ideias, como afirma a historiadora, os conceitos normativos acerca da oposição binária feminino/masculino das sociedades, ao longo do tempo, advém da repressão a alternativa de visões de mundo sobre o assunto. Assim, o que deveria ser um consenso social nada mais é que conflitos sociais. E assim, a análise das desconstruções das representações masculinas a respeito das mulheres feitas por Pizan nos oferece uma visão da escritora sobre seu mundo, mas também uma fina camada de ideologia dominante que pode embaçar a visão à primeira vista dos estudos sobre a Pizan, como pensar que a escritora essencializa demais a figura mulher em pontos da narrativa. Não obstante, traz a luz a essas ideologias dominantes, ou

seja, aqui é a estrutura binária da matriz sexual da idade média para que possamos investigar sua história também (DUBY, 2011, p. 11-12).

O campo da performatividade é o meio pelo qual a estrutura binária, a ideologia dominante, atua e se disfarça de “natural”. Desta forma o que faz com que se crie apenas os “dois gêneros”, ou seja, a dualidade entre masculino e feminino, ativo e passivo na sociedade, sendo o que rege os papéis e expectativas associados a esses sujeitos. Desta maneira, considerando a questão dos efeitos de verdade do gênero como pré-cultural, somos levados a pensar que esta estrutura não é passível de questionamento. Contudo, ao analisarmos nossa fonte, que foi produzida com o intento de ser questionadora, ela nos ajuda a demarca-la como um conflito social da época, um campo de disputas de narrativas de identidade. Bem como encontramos na obra, quando Dama Razão responde a narradora-personagem sobre seu questionamento de porque as mulheres eram apontadas como as únicas praticantes de comportamentos recriminados na época.

“Para que todo mundo fuja de uma vida luxuriosa, de depravação, eles caluniaram as mulheres em massa, na intenção de torná-las todas abomináveis. [...] Fazendo assim, eles usaram mal seus direitos. Pois, não seria justiça causar danos e prejuízos a uma parte sob pretexto de estar ajudando outra, como eles fizeram, condenando, contrariamente aos fatos, a conduta de todas as mulheres.” (PIZAN, 2006, p. 132).

Neste caso, quando temos a escritora provando seus pontos, é observável a ficção das normas reguladoras do gênero, pois estaria sendo colocada em xeque, como no exemplo do trecho acima. Nesta passagem, Pizan nos explicou que tudo que os homens daquela época diziam eram afirmações falaciosas (PIZAN, 2006, p. 123), no que tange nossa percepção de que sua proposta de mulheres virtuosas foi sua forma de debater as controvérsias do sistema hierárquico do gênero. Ao pensarmos nessas fronteiras, retomamos as duas representações desconstruídas pela escritora, ambas apresentadas de modo contextual. Agora vamos trabalhá-las com as lentes do gênero.

Quando Pizan nos traz os diálogos com a Dama Razão e Retidão acerca das representações de má índole e incapacidade intelectual, podemos perceber que a autora busca a autoridade da classificação do *outro* aos quais homens possuíam, ao passo que problematiza o lugar deles de direito à fala e mesmo assim optaram por apontar as diferenças daqueles que não são iguais a eles. Essa desigualdade, que vamos chamar de diferenciação¹⁰, nos diz que a

¹⁰ O conceito de diferenciação é o propulsor da criação de identidade e não resultado desta como comumente se pensa, segundo Stuart Hall (2000, p. 74) teórico sobre o assunto, ele explica que a diferenciação cria o outro, e tal distinção social e cultural é o que determina as relações identitárias. Ver em: HALL, Stuart. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Tradução Tomaz Tadeus Silva. Editora: Vozes. Petrópolis, 2000 .

norma era “ser” homem, portanto essa afirmação necessitava apresentar o que era distinto para eles, e assim as mulheres foram classificadas como o “outro”. O que nos parece ser resquícios da ideologia dominante consciente, pois a escritora se utiliza desse próprio mecanismo social para recriar um espaço utópico como a Cidade das Damas, para projetar nos homens como aqueles que seriam na obra o “outro”. A cidade das damas não seria criada para todas as mulheres, mas apenas as designadas como virtuosas, muito por isso a obra é construída para embasar essa questão. Essa perspectiva é verificável nas desconstruções das representações sobre as mulheres na obra, pois a escritora cria e explora uma nova possibilidade de atuação para gênero feminino, o da virtude. Desta forma, considerando nossa tentativa de entender a proposta de mulheres virtuosas de Pizan como performático e como campo de pauta identitária de gênero.

Enxergamos durante sua narrativa o encontro da intencionalidade de Pizan ao afirmar categoricamente que mulheres eram perseguidas junto a questão identitária. Desta forma, retomemos os dois casos usados para explicar como Pizan usa seus argumentos para fazer sua desconstrução, as representações de maldade e incapacidade intelectual. Recuperemos o diálogo sobre essa questão em que a narradora-personagem questiona a Dama Razão: “desejo muito saber se seriam possíveis tais habilidades, pois os homens afirmam que as mulheres são dotadas de fraca capacidade intelectual (PIZAN, 2006, p. 176)”. Aqui percebe-se que a autora questiona o papel social destinado às mulheres da época, de se casarem e cuidar da família. Prosseguindo no diálogo, a Dama a responde:

Por isso, filha, porque a sociedade não acha necessário que as mulheres se ocupem das tarefas masculinas, como já havia dito. Basta que elas cumpram as tarefas que lhes são estabelecidas. E quanto à opinião que a inteligência delas seria medíocre, apenas porque em geral têm menos conhecimento do que os homens, pense, então, nos habitantes dos campos ou montanhas mais isolados. (PIZAN, 2006, p.177).

Desta forma, Pizan ressaltou aqui a questão da falta de acesso à educação e de como ela estava associada ao mundo masculino e, portanto, não deveria ser praticada pelas mulheres. Analisando a desconstrução desta representação, ela é importante no que tange para sairmos do primeiro senso comum tanto sobre idade média quanto sobre as mulheres no período. Porque não foi um período nulo de pensadores e desenvolvimento crítico e muito menos de total exclusão das mulheres. Deplagne (2019, p. 31-32) assinala a intelectualidade feminina no medievo como um ponto de análise estratégico no que concerne às relações de

gênero. A autora afirma que a produção feminina medieval contribui para o entendimento do deslocamento da figura da mulher como invisível ao longo da história. Análise essa que corrobora com nossa discussão sobre consensos normativos de gênero, que são produtos de conflitos sociais e não um senso social acerca do assunto. E sim o que a estrutura binária hierárquica sexual nos traz como os considerados ativos, aqueles que submetem o outro grupo, os passivos, as seus mecanismos de poder, como a opressão de gênero. Outro ponto de análise é a reivindicação sobre a educação, Pizan não estava questionando a educação dada aos homens, e sim explicando que as mulheres deveriam possuir esse acesso também. Questão interessante no que diz respeito ao processo de assimilação da ideologia dominante, pois esse viés não é derrubado apenas pela tomada de consciência da escritora que mulheres não merecem ser discriminadas por sua condição de mulher.

Acerca da desconstrução da má índole feminina por Pizan, o processo também segue a lógica de questionamento da narradora-personagem que precede a resposta de uma Dama, agora a Retidão, sobre o assunto. Neste sentido, o debate nesta seção é sobre como as acusações dos homens relacionadas à capacidade das mulheres em serem falsas, a narradora-personagem questiona a Dama:

depois de muito acusarem as mulheres, afirmam que aquilo que escreveram nos livros, contra a má-conduta e maldade femininas, é para o bem público e comum, buscando advertir os homens a terem cautela e se prevenirem, como se faz com as serpentes escondidas no mato. Se for de vosso agrado, cara dama, gostaria que me contasse a verdade sobre tudo isso” (PIZAN, p. 291) .

No prosseguimento da conversa, a Dama Retidão explica como a questão moral e bem de todos, as quais tanto os homens apelavam em seus textos e serões, em que supostamente alertavam a sociedade contra os defeitos femininos eram um “roubo qualificado, feito para favorecer alguns e prejudicar os outros” (PIZAN, p. 292). Na narrativa é potencializada a característica de uma visão dessas imparcial da situação, já que os homens apenas favoreciam seu lado. Isso porque eles defendem apenas a si, e não defendem as mulheres da situação reversa, ou seja, para a dama essa equação seria ideal se “eles teriam também se dirigido às mulheres para terem mais cautelas com as armadilhas com que os homens tentam enganá-las, como fizeram em relação aos homens...” (PIZAN, p. 292).

O que percebemos aqui é a maneira como os homens construíram uma imagem do sujeito mulher a condutas morais consideradas negativas naquela sociedade, enquanto eles seriam eles o lado positivo dessa equação. E essa distinção qualificamos como os limites das

narrativas de composição de identidades, na obra há um debate acerca assim estariam dentro da norma e o que eles não se identificam, passam a ser o outro, como o caso das mulheres. Assim, as mulheres seriam sempre o contrário, elas foram pensadas para ser diferente ao “correto”, esse processo de diferenciação é o começo do que resulta no processo de formação de identidades. O que nos leva a pensar que Pizan queria classificar como *outro* os homens, assim assumindo um lugar que dentro da estrutura hierárquica de gênero não a pertencia e subvertendo a norma a seu favor, o que consideramos como um processo transgressor.

Pensar a identidade dentro da nossa categoria analítica teórica é saber que ela não se constitui sozinha e muito menos é anterior a todo o processo de naturalização das diferenças criadas e percebidas socialmente. Conforme Judith Butler (2003, p. 195),

se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros e nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável.

Desse modo, com esta análise sobre suas desconstruções das representações como campo de performatividade de gênero, entendemos que elas são padrões de repetições. E essas repetições para Butler é o performático, algo que sempre está em reconstrução, Assim, podemos dizer que essa reconstrução não é nada mais que imitações constantes. Porque, se não há uma essência do gênero, as reencenações tornam-se constantes e criam os efeitos de verdade, que Butler traz como explicação para entendermos como se dão as compreensões sociais do sexo feminino/masculino. Contudo, mesmo com essa estrutura rígida, Butler (2003, p. 201) assinala que é por seu caráter imitativo que se podem existir configurações novas que não se encaixam no que ela chama de estrutura da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória. As imitações ou as paródias, segundo a autora, são precisamente o que permite que possamos afirmar que as desconstruções feitas durante a obra *A Cidade das Damas*, só puderam encontrar formas de debater porque o gênero enquanto estrutura se baseia em atos, e por vezes tais atos contradizem toda a norma dominante vigente, bem como Pizan em suas críticas.

Ao debater suas posições contra as masculinas, ao criar suas mulheres virtuosas, suas personagens e sua própria posição de narradora-personagem, Pizan subscreve em suas páginas um posicionamento identitário. Quando cria novas versões de representações para o gênero feminino, está criando uma nova identidade, as damas virtuosas. O caráter performativo do gênero garante que seus atos sejam originais a cada encenação. Assim, quando afirmamos que

suas damas sejam encaradas como uma identidade gênero, estamos reafirmando que não há uma original, todas são construídas socialmente, como indica Butler (2003, p. 197)

Para ser mais precisa, trata-se de uma produção que, com efeito — isto é, em seu efeito —, coloca-se como imitação. Esse deslocamento perpétuo constitui uma fluidez de identidades que sugere uma abertura à resignificação e à recontextualização; [...] Embora os significados de gênero assumidos nesses estilos parodísticos sejam claramente parte da cultura hegemônica misógina, são todavia desnaturalizados e mobilizados por meio de sua recontextualização parodista.

Aqui vemos como a filósofa nos ajuda a entender as paródias que Pizan constrói em sua obra, pois estava resignificando as identidades de gênero em voga na sua contemporaneidade. E um ponto interessante é a questão da apropriação que pode haver das paródias junto a estrutura dominante, o que explicaria a visão na obra por vezes essencializadora da figura feminina. Como as mulheres necessariamente serem “boas” por natureza, ou ser uma qualidade as damas serem virgens, noções estas que podemos entender como os limites fronteiros da entre as narrativas masculinas e femininas em que a escritora se localizava.

Ao afirmarmos a pauta identitária de gênero queremos demonstrar que as discussões apresentadas até aqui foram para demonstrar como em um período, como medieval fim da idade média, as percepções acerca das diferenças sexuais já estavam presentes. E por não termos uma essência natural do gênero, é que Pizan pode apresentar todas as críticas que ela considerava ser importante de debater. Chegamos na reta final da obra que Pizan construiu e nos deixou para explorar, seus muros, edifícios e habitações, além do manuscrito original da planta baixa desta cidade, a qual podemos recuperar um trecho esclarecedor sobre sua opinião acerca de sua própria edificação:

Enfim, todas vós, senhoras, damas de grande, média e humilde condição, antes de qualquer coisa, tende cuidado e sede vigilantes para vos defender contra os inimigos de vossa honra e de vossa virtude. Vede, minhas damas, como de toda parte esses homens vos acusam dos piores defeitos! Desmascarai suas imposturas pelo brilho de vossa virtude; fazendo o bem, convencei que todas essas calúnias são mentiras. [...] Tende repulsa aos hipócritas bajuladores que procuram tomar-vos com seus discursos envolventes e por todas as armadilhas inimagináveis vosso bem mais precioso, quer dizer vossa honra e a excelência de vossa reputação! (PIZAN, p. 357.358)

Tendo em vista que chegamos ao fim do percurso de Pizan, fechando nossa discussão com a sua opinião sobre como construiu sua cidade e como sua obra resultou na demonstração de uma veracidade faltante nos discursos masculinos. Suas damas virtuosas foram de encontro ao suposto desvio de caráter das mulheres. Sendo assim, *A Cidade das Damas* contestou a

hegemonia do gênero na idade média. A medida que propôs autonomia das mulheres, liberdade de pensamento e uma “outra” sociedade.

4. CONCLUSÃO

Chegamos ao final desta pesquisa, e como vimos ao longo do texto e discussões realizadas, a condução deste trabalho permeou a vontade de explorar as dissonâncias históricas que a obra *A Cidade das Damas* nos apresentou. Também de maneira que ele nos permitiu entender os posicionamentos da autora sobre seu tempo. Sua posição contestadora e transgressora era um fator predominante no que tange às possibilidades de pesquisa histórica acerca da presença feminina na história. Tal posição não poderia ficar esquecida em meio a escrivadinha cheia de textos desta pesquisadora. Esse foi o sentimento que iniciei este trabalho e com ele me despeço, e provavelmente temporariamente, de Christine de Pizan. A escritora me deixou muito o que pensar na escrita deste trabalho, desde angústias a ideias mirabolantes que nem caberiam nesta pesquisa, contudo também despertou a vontade de a levar mais longe.

A ideia de problematizar a obra de Pizan foi por querer repensar o lugar da mulher na idade média, algo que sempre me interessou, mas ainda queria buscar formas de entender como tais questionamentos poderiam existir dentro de uma sociedade tão regrada. Claro, dentro da História sabemos não ser um fato inquestionável tal afirmação, mas mesmo assim, como uma sociedade patriarcal admitiu escritos subversivos, como foi possível haver sujeitos que não convergiam para a estrutura dominante, ou pelo menos, desviavam um pouco da linha reguladora. E essas perguntas fazem parte do trabalho historiográfico, o que por si seria importante e fica ainda mais instigante quando pensamos nas mulheres. Os estudos de gênero não contemplam apenas os estudos sobre mulheres, mas fornecem ricas ferramentas de análise histórica, e assim a escolha por essa categoria analítica foi essencial.

Com o findar deste trabalho, podemos recuperar noções debatidas ao longo do texto que considero importante destacar por uma última vez. Sendo assim, os resultados que a pesquisa sobre a obra de Pizan puderam confirmar as discussões e dissonâncias acerca das socializações dos papéis de gênero. E só pude afirmar tal questão depois de investigar a questão com uma discussão pautada em entender sobre como essas socializações são criadas e se mantêm permanentemente nas construções simbólicas das sociedades patriarcais. Foi assim

que a análise da obra da escritora medieval pode contribuir para os estudos de gênero, categoria que vem se mostrando cada vez mais importante para os estudos históricos. Considerando a expansão de objetos, sujeitos e análises possíveis que foram sendo integradas a historiografia, pode-se pensar criticamente a desconstrução das representações do final da idade média associadas às mulheres pela perspectiva da performatividade de gênero. Tal como explicamos a teoria de Judith Butler em relação à questão da identidade de gênero e seu caráter performático. Campo onde essa categoria de diferenciação hierárquica baseada nos sexos atua e mantém-se historicamente por meio dessas repetições e imitações afirmadas em um contrato de regulação estabelecido culturalmente.

Outro fator de destaque é a possibilidade de estudos acerca da literatura, que nos permitiu avaliar essa estrutura também dentro deste recorte temporal com uma fonte literária. Traçar as nuances da obra de Pizan foi uma tarefa enriquecedora, não apenas porque defendia mulheres na idade média em textos literários, mas porque há tanto o que pesquisar na obra. Porque não podemos desconsiderar o fato que a autora era uma mulher de seu tempo, com expectativas e frustrações. Não existem pessoas à frente do seu tempo, existem sujeitos que por vezes não se encaixam exatamente como o quebra cabeça da hierarquia social espera. E a fonte literária é um meio de se estudar tais nuances de forma significativa. Isso acontece porque, como foi apresentado neste trabalho, o campo literário fornece o campo da imaginação e da construção de símbolos acerca de uma realidade. Assim, *A Cidade das Damas*, pode nos dizer sobre a construção de pertencimento da autora para com a sua realidade.

O trabalho focou em pensar as desconstruções das representações femininas feitas por Christine de Pizan pelo olhar do gênero, sendo assim analisamos o que esta categoria tinha a nos dizer sobre a problemática. Considerado que a proposta das mulheres virtuosas da escritora só foi possível a partir da performatividade de gênero, mecanismo da estrutura dominante que atua de forma a encenar papéis. E essas encenações são o que possibilitaram “brechas”, assim uma mulher do século XV pôde tecer críticas em favor das mulheres, usando inclusive o “eu” para as fazer. A categoria do gênero como conceito teórico e campo de pesquisa histórica nos proporcionou ir para além de tratar Christine como exceção, mas enxergar sua produção como possibilidade para entender as diversas faces de uma sociedade regida pela estrutura dominante masculina. Assim, o compromisso em não utilizar o gênero apenas para afirmar mecanismo de dominação, mas questioná-los, esteve como preocupação

constante neste trabalho. Estudar História não é estudar o que aconteceu, é estudar porque aconteceu. Porque a história da humanidade é feita de dissonâncias e Christine de Pizan não é uma exceção, é parte de como surgem novos olhares, conflitos e formas de organização social.

Esta categoria que está constantemente acrescentando novos olhares na pesquisa vem ganhando força nos últimos anos, ainda que tenha muito a avançar e por isso fico satisfeita de concluir esse trabalho, porque queria contribuir também para o crescimento dessa perspectiva teórica. Mesmo sendo um passo inicial, gostaria muito que ele servisse de passo inicial para outros pesquisadores e pesquisadoras da Idade Média também. Saber que talvez contribua um pouco a mais para a compreensão dessa estrutura baseada nas diferenças sexuais que está em voga até hoje se torna um ato político. Porque se política é tudo que nos rodeia, não seria estranho assumir um compromisso em ajudar no entendimento daquilo que nos subjuga, todos os dias nas relações mais diversas. Estar à margem da sociedade é o jeito do patriarcado nos deixar de fora do reconhecimento de que não somos as únicas e únicos que percebem como os corredores da História nem sempre estiveram no escuro total, porque várias “exceções” tentaram ilumina-los, ao passo que as janelas sempre foram conferidas para se ter certeza que estavam devidamente trancadas.

REFERÊNCIAS

FONTE

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A Cidade das Damas**: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan- Estudo e manuscrito. Recife, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7590/1/arquivo7802_1.pdf. Acesso em: 16/09/2020

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Chartier. **Revista Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005

BARREIRO, Carolina Niedermeier. **Gênero no discurso**: uma análise sobre as relações de gênero nas obras O Espelho das Almas Simples de Marguerite Porète e The Book of Margery Kempe de Margery Kempe (séc. XIII e XV). Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/156956>. Acesso em: 30/10/2020.

BARREIRO, Carolina Niedermeier. **Just Because I Am A Woman... Possibilidades de autoria para mulheres escritoras (Século XIV)**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/197084>. Acesso em 26/10/2020.

BASTOS, Mário Jorge da Motta. Quatro décadas de História Medieval no Brasil: contribuições à sua crítica. **Revista Diálogos**, v.20, n.3, 2-15, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão de identidade- tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre práticas e representações- Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.,

DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. Christine de Pizan. In: SOUZA, Guilherme Queiroz de; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (org.). **Dicionário**: Cem fragmentos biográficos, A idade média em trajetórias. Goiânia: Tempestiva, 2020.

DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre idade média. **Revista Signum**, n. 2. vol. 20, 2019.

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens**: do amor e outros ensaios; tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

FORTES, Carolina Coelho. Estudos de Gênero, História e a idade média: relações e possibilidades. **Revista Signum**, vol. 20, n.1, 2019.

hook, bell. **Teoria feminista**. Da margem ao centro. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2020.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Tradução Tomaz Tadeus Silva. Editora: Vozes. Petrópolis, 2000 .

LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan**: uma resistência. São Paulo: Chiado, 2015.

LEITE, Lucimara. Christine de Pizan: **uma resistência na aprendizagem da moral da resignação**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

OLIVEIRA, Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de. História das mulheres, gênero e o estudo das masculinidades: considerações introdutórias. In: BUENO, André; PAES, Érica de Aquino; SILVA, Natanael de Freitas; VELOSO, Wendell dos Reis (orgs.) **Gêneros e Sexualidades em Perspectiva Histórica**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020.

OLIVEIRA, Maria Da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. *Revista História da Historiografia*, v. 11, n. 28, set-dez, ano 2018, p. 104-140.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres**: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, v. 4, p. 9-28, 1995.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres** - tradução Angela M. S. Côrrea: São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural** - Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DEL PRIORI, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 1. ed. São Paulo: Book Publishers Professional Association, 1990.

SCOTT, Joan. A história das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas- tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. Considerações sobre o uso da categoria gênero nos estudos sobre o medievo. *Revista Signum*, 2019, vol 20, n.2.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, Congreso Iberoamericano de Estudios de Género, 3, 2006.

SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da; ANDRADE, Marta Mega de. Mito e gênero: Pandora e Eva em perspectiva histórica comparada. **Cadernos Pagu**, v. 33, p. 13-34, 2009:

SOUZA, Guilherme Queiroz de; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (org.). **Dicionário Cem fragmentos biográficos**: A idade média em A idade média em trajetórias. Goiânia: Tempestiva, 2020.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. **Mulheres na Ciência**: v.7, n. 2, 2021, p 10-31

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução de Denise Bottmann. Porto alegre: L&PM, 2019

WOOLF, Virginia. **Mulheres e ficção**. Tradução de Leonardo Fróes. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.